

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

ANA ROZA DA SILVA

Rachel de Queiroz cronista: um exame de aspectos literários e lingüísticos de sua
“Última Página” em *O Cruzeiro*.

São Paulo

2006

ANA ROZA DA SILVA

RACHEL DE QUEIROZ CRONISTA: UM EXAME DE ASPECTOS LITERÁRIOS E
LINGÜÍSTICOS DE SUA “ÚLTIMA PÁGINA” EM *O CRUZEIRO*.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Helena de Moura Neves.

SÃO PAULO
2006

ANA ROZA DA SILVA

Rachel de Queiroz cronista: um exame de aspectos literários e lingüísticos de sua
“Última Página” em *O Cruzeiro*.

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora, na Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como exigência
parcial para obtenção do título de Mestre
em Letras.

Banca realizada em ____ de _____ de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Helena de Moura Neves
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof.^a Dr.^a Elisa Guimarães
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof.^a Dr.^a Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Assis

À Prof^a. Dra. Maria Helena de Moura Neves, pelo apoio surpreendente e incondicional, sem o qual, este trabalho não teria saído das páginas de rascunho.

Aos meus sogros, Osvaldo Ribeiro e Helena Veridiana Torres Ribeiro, que me apoiaram e incentivaram a realizar estes estudos.

À Beatriz, minha filha e benção de minha vida, pela paciência durante as minhas leituras.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ser o arrimo de fé e esperança na minha vida.

À Prof.^a Dra. Maria Helena de Moura Neves, pela orientação perfeita, pela paciência e compreensão, por sempre compreender minhas limitações e estar disposta a me ajudar a transpor todas as barreiras que surgiram durante a minha longa caminhada.

Ao Prof. Dr. José Alcides Ribeiro, pelo apoio e companheirismo e por ser bom pai.

À Profa. Dra. Rosemeire Leão da Silva Faccina, pela compreensão, delicadeza e atenção.

À Profa. Dra. Maria Zélia Borges e Prof. Dr. José João Cury, por terem acreditado em mim.

Às Profas. Dras. Elisa Guimarães e Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran, pelas sugestões valiosas para finalização deste projeto.

Às Profas. Dras. Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos, Maria Lúcia Marcondes Vasconcelos e Marlise Vaz Bridi, por terem acreditado no meu projeto e sugerido a bolsa de estudos à CAPES.

À Dra. Kátia Liz Bortoluzo de Carvalho, minha médica, amiga, pelo apoio e encorajamento para realização deste trabalho.

À minha Tia Maria de Lourde Ribeiro Pinto e família, por todo o apoio, à Ernestina Irani Fernandes e à Maria Amélia, pelos cuidados com a Beatriz.

À minha irmã Maria Rosa e família por todo carinho e amor.

À Profa. Regina Molini e ao Prof. MSc Celso Vieira, de Botucatu, pelo apoio do conhecimento na gramática e na redação.

À pesquisadora Maria Ana Moscoliato, pelo fornecimento do valioso material de Raquel de Queiroz.

À todos que integram o CEDIC (Centro Documental de Informação Cultural) da PUC de São Paulo pela digitalização das crônicas.

À Biblioteca do Centro Cultural de Botucatu por ter cedido os originais da revista O Cruzeiro para o enriquecimento dessa pesquisa.

À Roberta de Sousa, secretária do Programa de Pós-Graduação de Letras, pela simpatia, competência e presteza durante o decorrer do trabalho.

À Capes, pelo fomento fornecido através da bolsa Prosup/CAPEs, sem a qual esta jornada teria sido muito mais difícil.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie e ao Programa de Pós-Graduação em Letras, que através de sua coordenadora, Prof.^a Dra. Diana Luz Pessoa de Barros, seus professores e seus funcionários, me ajudaram a crescer, desenvolver habilidades e supriram minhas necessidades, sempre que surgiam.

Ao Mackpesquisa, pela Reserva Técnica, que me ajudou a participar de eventos e custeou partes importantes de minha pesquisa.

À todas as pessoas que de uma forma ou outra colaboraram muito e eficazmente.

*A vida é uma luta constante pela
sobrevivencia
(Tia Ceinha)*

RESUMO

O objetivo deste trabalho de pesquisa é comprovar o perfil da habilidosa cronista, Rachel de Queiroz. Em decorrência desse propósito, o foco do estudo é a dimensão estilística das crônicas publicadas na seção *Última Página* da revista *O Cruzeiro* no período de 1940 a 1970. O estilo da cronista é criado com base na exploração de marcas lingüísticas de coloquialidade, de certas categorias gramaticais de função textual, da função metalingüística e das funções discursivo-textuais dos parênteses.

Palavras-chaves: Lingüística; metalingüística; parênteses; coloquialidade; função textual; Raquel de Queiroz; *O Cruzeiro*.

ABSTRACT

This paper aims to comprove the personality of the talented chronicler, Rachel de Queiroz. The focus of the study is the stylistic dimension of the chronicles published in the section *Última Página*, of the magazine *O Cruzeiro*, in 1940 at 1970. Her style is based on exploration of the linguistics standards like colloquiality, some grammatical categories of the textual functions, the metalinguistic function and the parenthesis's discursive-textual functions.

Keywords: Linguistic; Metalinguistic; parenthesis; colloquiality; textual functions; Raquel de Queiroz; *O Cruzeiro*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Justificativa	14
Hipótese	15
Metodologia	16
CAPÍTULO 1 - BASES TEÓRICAS - CONCEITOS BÁSICOS	21
1.1 Categorias literário-discursivas: o estilo e o gênero	21
1.1.1 O estilo	21
1.1.2 O gênero	24
1.2. Categorias textual-discursivas pertinentes para análise no gênero “crônica”: as marcas de coloquialidade e os parênteses.	25
1.2.1 As marcas de coloquialidade	25
1.2.2 Os parênteses	27
1.2.2.1 Conceito	27
1.2.2.2 Classes	29
CAPÍTULO 2 - A “CRÔNICA”	39
2.1 O termo crônica	39
2.2 O histórico do gênero	41
2.3 A caracterização	43
2.4 A temática e a construção composicional	46
CAPÍTULO 3 - RACHEL DE QUEIROZ - FICCIONISTA E CRONISTA.....	48
3.1 Rachel de Queiroz ficcionista - recepção crítica	48

3.2. Rachel de Queiroz cronista	52
CAPÍTULO 4 — AS CRÔNICAS DE RACHEL DE QUEIROZ NA REVISTA O CRUZEIRO.....	56
4.1 Contexto de produção: Rachel de Queiroz e seu leitor	56
4.2 A temática	57
4.2.1 Os temas recorrentes nas crônicas.....	57
4.2.2 A relação com os temas dos romances.....	70
4.3. A construção composicional.....	71
4.4 A linguagem de Rachel de Queiroz nas crônicas de O Cruzeiro: aspectos estilísticos.....	73
4.4.1 Marcas lingüísticas de coloquialidade	73
4.4.2 Marcas gramaticais com função textual	75
4.4.3 A focalização de fatos como visão de mundo	77
4.4.4 O parêntese e suas funções.....	81
4.4.4.1 As classes de funções.....	81
4.4.4.2 A marcação gráfica e os quase-parênteses	82
4.4.4.3. A análise funcional dos parênteses.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
ANEXOS	114

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 — Classificação dos parênteses, segundo o Foco (Jubran, 1999), nas crônicas de Rachel de Queiroz em <i>O Cruzeiro</i>	82
QUADRO 2 — Classificação dos parênteses do Foco 1, segundo o Domínio, a Função parentética, a Categoria do segmento e a função sintática, nas crônicas de Rachel de Queiroz em <i>O Cruzeiro</i>	87
QUADRO 3 — Classificação dos parênteses do Foco 2, segundo o Domínio, a Função parentética, a Categoria do segmento e a função sintática, nas crônicas de Rachel de Queiroz em <i>O Cruzeiro</i>	95
QUADRO 4 — Classificação dos parênteses do Foco 3, segundo o Domínio, a Função parentética, a Categoria do segmento e a função sintática, nas crônicas de Rachel de Queiroz em <i>O Cruzeiro</i>	97
QUADRO 5 — Classificação dos parênteses do Foco 4, segundo o Domínio, a Função parentética, a Categoria do segmento e a função sintática, nas crônicas de Rachel de Queiroz em <i>O Cruzeiro</i>	98
QUADRO 6 — Ocorrência de parênteses com Foco 1 - Elaboração tópica do texto, segundo os diversos Domínios e as diversas Funções parentéticas	99
QUADRO 7 — Ocorrência de parênteses com Foco 2 - Locutor, segundo	101
os diversos Domínios e as diversas Funções parentéticas.....	101
QUADRO 8 — Ocorrência de parênteses com Foco 3 - Interlocutor, segundo o Domínio e a Função parentética	102
QUADRO 9 — Ocorrência de parênteses com Foco 4 - Ato comunicativo, segundo os diversos Domínios e as diversas Funções parentéticas.....	102

QUADRO 10 — Distribuição das Categorias gramaticais pelas Funções parentéticas, segundo os Domínios e os Focos	104
QUADRO 11 — Distribuição das Funções sintáticas dos parênteses segundo os Domínios e os Focos.....	107

INTRODUÇÃO

JUSTIFICATIVA

Rachel de Queiroz foi uma das cronistas mais importantes na literatura brasileira. Sua obra é extensa, pois só na revista *O Cruzeiro* escreveu, semanalmente, durante trinta anos (1945 – 1975). O estudo das crônicas de Rachel de Queiroz é de relevante importância pela identidade que apresentou com os modernos no tocante à linguagem e na exploração das diversas temáticas escolhidas.

O objetivo geral deste estudo é avaliar alguns aspectos do processo de criação, composição e escrita de Rachel de Queiroz na revista *O Cruzeiro*, de longa vida editorial no Brasil, com uma tiragem excepcional, ainda não superada, em várias décadas. Seu sucesso era alcançado, basicamente, pela exploração de um núcleo jornalístico com reportagens sintéticas e entrevistas; um núcleo literário com crônicas, romances e contos; um núcleo de matérias ligadas a variedades; e o núcleo de publicidade. Cumpre observar que a crônica foi um dos gêneros de maior sucesso e duração na revista *O Cruzeiro*.

A seção de crônicas, *Última página*, escrita por Rachel de Queiroz, será a fonte de análise neste trabalho. Serão identificados os temas das crônicas e a sua ligação com fatos de dimensão jornalística miúda (fatos do cotidiano) ou de grande projeção. O foco principal é identificar os aspectos da dimensão estilística do processo de composição da escritora, bastante recorrente e representativa da

estrutura lingüística e literária de seu discurso. Pode citar-se, em seu processo de composição, particularmente a temática (de fatos banais ou noticiosos, de viagens, de lembranças, e, especialmente, de questões ligadas à literatura, língua e linguagem) como também, em seu estilo, a utilização de marcas lingüísticas de coloquialidade, o uso de certas categorias gramaticais de função textual, a exploração freqüente da função metalingüística, e, centralmente, das funções discursivo-textuais dos parênteses.

Devido à escassez de trabalhos sobre Rachel de Queiroz que aprofundem o estudo da dimensão estilística nas suas crônicas, esse conjunto da sua produção será o foco da análise, pois ele é muito importante para a caracterização do processo de composição da escritora. A escolha da revista *O Cruzeiro* deve-se ao fato de ela ter durado quase cinqüenta anos no Brasil e com grande tiragem, em tomo de setecentos mil exemplares por edição, durante várias décadas.

Não há, disponíveis, estudos sobre a linguagem das crônicas de Rachel de Queiroz.

HIPÓTESE

Nesta pesquisa, parte-se da idéia de que as crônicas da autora podem propiciar uma visão de seu perfil como cronista e identificar traços marcantes de sua linguagem literária, porque a produção das crônicas é vasta e acontece durante a maior parte de sua vida literária, como também porque a linguagem dos romances não se dissocia da linguagem das crônicas. Como estas tratam de uma grande

variedade de temas, inclusive da linguagem, da língua, dos modos de falar e dos estilos literários, espera-se que o estudo, embora delimitado, seja mais uma fonte de pesquisa para aqueles que se interessam pela obra de Rachel de Queiroz.

METODOLOGIA

O *corpus* de análise desta pesquisa se compõe das crônicas de Rachel de Queiroz publicadas na “Última página”, em edições da revista *O Cruzeiro*, entre 1945 e 1975. A análise a que se procedeu concentra-se, de um lado, na exploração da temática, na caracterização composicional do gênero, em aspectos do estilo; e, de outro lado, nas marcas lingüísticas de coloquialidade e no uso de parênteses, bastante presente nas crônicas. Pretende-se não apenas identificar os recursos mas ainda avaliar as suas funções.

Os textos das crônicas de Rachel de Queiroz publicadas em *O Cruzeiro* foram obtidos em visita pessoal ao arquivo da Fundação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Os textos (310 crônicas) foram oferecidos em microfilmes e deles foi feita uma leitura minuciosa, partindo-se da primeira crônica publicada na revista, em 01 de dezembro de 1945, em que Rachel de Queiroz estréia como cronista. Para fim de análise, foi solicitada a digitalização dos textos à direção da Fundação. Com a pesquisa realizada, ficou evidente a variação de temas explorados pela cronista no decorrer dos muitos anos de publicação pela conceituada revista *O Cruzeiro* e isso será tratado no item 4.2.1, deste trabalho.

Da produção de trinta anos das crônicas da escritora em *O Cruzeiro*, foram selecionadas as mais representativas das décadas de quarenta, cinquenta, sessenta e setenta publicadas na revista. São crônicas que têm origem em notícias jornalísticas, em livros, em fatos que aconteceram com a autora e em fatos ligados ao cotidiano, em geral. A matéria prima das crônicas de Rachel de Queiroz será tratada neste trabalho, no item 2.1.

Como referência à pesquisa, foram usadas para análise cinquenta e seis crônicas, indicadas a seguir:

A estrada perigosa (O CRUZEIRO, 15 set. 1958, p.130), A hora dramática (O CRUZEIRO, 04 set. 1954, p.122), A idade da inocência (O CRUZEIRO, 21 set. 1946, p.90), A impossível convivência (O CRUZEIRO, fev. 1952, p.90), Amor (O CRUZEIRO, 19 out. 1946, p.90), Antiquários (O CRUZEIRO, 09 nov. 1946, p.90), Ao soar dos alarmes ligeiros (O CRUZEIRO, 30 mar. 1946, p.9 conclui na p. 84), As cartas não mentem jamais (O CRUZEIRO, 22 dez. 1945, p.162), Bárbaro, A bela diz (O CRUZEIRO, 03 ago. 1946, p.90), Bilhete de parabéns (O CRUZEIRO, 31 ago. 1946, p.90), Bilhete para Herman Lima (O CRUZEIRO, 11 jun. 1967, p.90), Carta a Daniel Pereira, editor (O CRUZEIRO, 19 ago. 1966, p.90), Carta a Emília, Miss Brasil (O CRUZEIRO, 30 jul. 1955, p.114), Carta de um editor português (O CRUZEIRO, 10 set. 1955, p.114), Caso clínico (O CRUZEIRO, 23 fev. 1946, p.90), Churchill (O CRUZEIRO, 13 fev. 1965, p.114), Cidades das crianças (O CRUZEIRO, 07 ago. 1948, p.90), Cinema (O CRUZEIRO, 15 jun. 1946, p.90), Cinquenta e três contos (O CRUZEIRO, 03 mai. 1952, p.130), Correspondência (O CRUZEIRO, 02 mar. 1946, p.90), Crônica nº 1 (O CRUZEIRO, 01 dez. 1945, p.90), Daniel no jardim zoológico (O CRUZEIRO, 12 jan. 1963, p.90), Do preconceito de cor (O CRUZEIRO, 17 out. 1964, p.90), Elegância do alegre 900 (O CRUZEIRO, 25 jan. 1947, p.90),

Escrever (O CRUZEIRO, 03 jul. 1954, p.98), Fragmento de romance (O CRUZEIRO, nov. 1949, p.90), Gordura (O CRUZEIRO, 21 ago. 1954, p.114), Graciliano (O CRUZEIRO, 07 jun. 1954, p.90), Indisciplina? Provocação? (O CRUZEIRO, 13 dez. 1958, p.130), Inês de Castro (O CRUZEIRO, 10 ago. 1946, p.90), Juiz de Fora (O CRUZEIRO, 09 abr. 1949, p.90), Lavoro (O CRUZEIRO, 18 abr. 1964, p.114), Língua (O CRUZEIRO, 22 ago. 1959, p.90), Livros (O CRUZEIRO, 05 nov. 1955, p.90), Macabra (O CRUZEIRO, 04 out. 1947, p.89), Manhã na casa de João José (O CRUZEIRO, 03 fev. 1971, p.130), Menino Cego (O CRUZEIRO, 31 dez. 1953, p.90), Metonímia, ou A vingança do enganado (O CRUZEIRO, 04, 11 e 18 jun. 1955, p.114), Mimiro (O CRUZEIRO, 23 nov. 1946 p. 98), O direito de escrever (O CRUZEIRO, 12 jan. 1952, p.90), O drama da África do Sul (O CRUZEIRO, 07 mai. 1960, p.114), Os Paços de Domitília (O CRUZEIRO, 09 set. 1950, p.122), Peça uma saudade (O CRUZEIRO, 08 jun. 1946, p.90), Regresso (O CRUZEIRO, 04 set. 1954, p.98), Resposta a uma carta (O CRUZEIRO, 16 abr. 1949, p.90), Romance (O CRUZEIRO, 06 jul. 1946, p.90), Sessenta cães (O CRUZEIRO, 14 dez. 1946, p.114), Turismo na cadeia (O CRUZEIRO, 1962, p.114), Um livro de contos (O CRUZEIRO, 01 jun. 1946, p.90), Uma carta (O CRUZEIRO, 15 fev. 1947, p.90), Vitalinas (O CRUZEIRO, 19 set. 1959, p.98), Vocabulário e ortografia (O CRUZEIRO, 26 set. 1953, p. 98), Xerimbabos (O CRUZEIRO, 27 abr. 1946, p. 90).

Para a análise das funções parentéticas, foram examinadas quarenta crônicas, que são as seguintes (anotado o número de parênteses analisados em cada crônica, em um total de 111):

CRÔNICA	Nº de parênteses
A estrada perigosa	2
A hora dramática	3
A idade da inocência	1
A impossível convivência	4
Amor	1
Antiquários	1

Ao soar dos alarmes ligeiros	1
Bárbaro, a bela diz	1
Bilhete de parabéns	1
Bilhete para Herman Lima	3
Carta a Daniel Pereira, editor	1
Carta a Emília, Miss Brasil	2
Carta de um editor português	2
Caso clínico	1
Churchill	1
Cidades das crianças	2
Cinema	1
Cinqüenta e três contos	3
Correspondência	5
Daniel no jardim zoológico	1
Do preconceito de cor	2
Elegância do alegre 900	5
Escrever	4
Fragmento de romance	4
Gordura	1
Graciliano	1
Inês de Castro	1
Juiz de Fora	1
Lavoro	2
Língua	7
Livros	4
Macabra	2
Macabra	2
Manhã na casa de João José	2
Metonímia, ou A vingança do enganado	7
Mimiro	2
O direito de escrever	4
O drama da África Azul	1
Os Paços de Domitília	3
Peço uma saudade	1
Provocação	2
Retorno	1
Resposta a uma carta	1
Romance	3
Sessenta cães	1
Turismo na cadeia	4
Um livro de contos	2
Uma carta	1
Vitalinas	3
Vocabulário e ortografia	1
Xerimbabos	1

Este trabalho se estrutura em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta as bases teóricas, utilizando conceitos básicos literário-discursivos, pertinentes ao estilo e gênero dentro das dimensões narrativa e estilística das crônicas. O segundo capítulo trata a crônica como gênero, examina a temática e a construção

composicional. O terceiro capítulo focaliza Rachel de Queiroz como cronista e sua recepção crítica, contrapondo a linguagem que a escritora usa em alguns romances com as crônicas publicadas na revista *O Cruzeiro*. Finalmente, no quarto capítulo, caracteriza-se a produção de Rachel de Queiroz na revista *O Cruzeiro*, seu estilo, as categorias gramaticais e suas funções estilísticas, as marcas lingüísticas de oralidade, a metalinguagem, os parênteses e as suas funções.

CAPÍTULO 1 - BASES TEÓRICAS - CONCEITOS BÁSICOS

1.1 CATEGORIAS LITERÁRIO-DISCURSIVAS: O ESTILO E O GÊNERO

Em qualquer das dimensões de uma análise textual-discursiva são categorias pertinentes o estilo e o gênero em que a produção se enquadra.

1.1.1 O estilo

Como diz Van Dijk (1990, p.49-50), o estilo não é simplesmente um nível distinto, todavia uma dimensão que atravessa diferentes níveis. O estilo é o resultado das escolhas que o falante realiza entre as variações opcionais das formas do discurso que se podem utilizar para expressar mais, ou menos, outro significado (ou denotar o mesmo referente). A variação do estilo não é livre ou arbitrária, o estilo é uma indicação no desenvolvimento do contexto em uma comunicação. Pode referir-se a fatores pessoais ou sociais, assim, situações específicas podem exigir uma lista específica de opções léxicas ou sintáticas por partes dos participantes da fala. O estilo é uma propriedade necessária do discurso no contexto.

Para Van Dijk (1990, p. 45-53), o principal objetivo da análise do discurso consiste em produzir descrições explícitas e sistemáticas de unidades do uso da linguagem que ele identifica com o discurso. Essas descrições têm duas dimensões

principais: as textuais e contextuais. As dimensões textuais se referem às estruturas do discurso em diferentes níveis de descrição (gramática, pragmática, estilística, retórica). As dimensões contextuais relacionam as descrições estruturais às diferentes propriedades do contexto, como os processos cognitivos e as representações ou fatores socioculturais. Neste estudo, deter-se-á na caracterização da análise da dimensão do estilo das crônicas de Rachel de Queiroz.

Ainda de acordo com Van Dijk (1983, p. 116), o conceito de estilo é a “forma característica de utilização da língua”, tanto no nível oracional quanto no textual. O autor afirma que são importantes, sobretudo, as formas de expressão da língua definidas como as características fonéticas, morfológicas, sintáticas e léxicas dos enunciados. O foco do estudo é, portanto, a identificação de como a função estilística se apresenta nos elementos do processo de codificação do escritor, suas opções de usos, que têm o efeito de limitar a liberdade de percepção no processo de codificação e, por conseguinte, a liberdade de interpretação. Para Rifaterre. (1971, p. 138 -139), o estudo da função estilística percebe as características da linguagem do ponto de vista do decodificador e há nela, pois, uma dimensão pragmática, já que as seqüências verbais são analisadas sob a perspectiva (ponto de vista) do estímulo projetado para o receptor.

Como interpreta Da Cal (1969, p. 51), o estilo literário vai muito além do meramente verbal. Ter um estilo não é possuir uma técnica de linguagem, porém, principalmente, ter uma visão própria do mundo e encontrar uma forma adequada para expressar essa paisagem interior. Logo as palavras são mais que um veículo de comunicação por meio do qual o artista transmite sua mensagem. Por trás dela, implicitamente, está sua visão total da realidade, sua concepção subjetiva do mundo, sua maneira particular de simplificá-lo, de transformá-lo, adaptando-o à

personalidade do autor mas também à sua maneira de sentir o mundo e de pensá-lo. Em Rachel de Queiroz, essas características são bastante visíveis, como se verá no item 4.3.3, por isso as indicações de Da Cal são pertinentes em esta análise.

Para Martin (1973, p. 187 - 207 - 254), o estilo é a obra em sua totalidade, não o homem. Segundo ele ainda (1973, p.295), a recorrência aos aspectos da morfologia e da sintaxe não opera para fazer uma descrição lingüística, no entanto, para identificar o valor estilístico, o valor expressivo da obra. Segundo o mesmo, afinal, para chegar-se logo a uma concepção verdadeira da unidade e unicidade de uma criação literária, é necessário fixar o que se conhece como ponto de vista, o centro da visão obra.

Em Reuter (2002, p.72 - 73), a questão das perspectivas (visões) liga-se ao fato de perceber, no decorrer do texto, que essa questão é de fato muito importante para a análise. E como diz Spencer (1974, p. 104), compreender as escalas de linguagem ligadas aos modos falados e escritos do discurso permite a oportunidade de ligar a linguagem de um texto aos propósitos do autor e aos efeitos por ele desejados. Nesta análise, pretende-se não ignorar este aspecto.

1.1.2 O gênero

Outro conceito fundamental para a caracterização da linguagem das crônicas é o conceito de gênero, e, ligado a isso, o próprio conceito de crônica, de que se tratará especificamente no capítulo 2.

Ao tratar-se dos gêneros discursivos, Bakhtin (2000, p.279 - 281) afirma que eles são “tipos relativamente estáveis dos enunciados”. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados orais e escritos, concretos e únicos, que fazem parte da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) como também por seu estilo (verbal), isto é, pela seleção efetuada, que se realiza com os recursos da língua (recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais) e, sobretudo, com a construção composicional.

Para Bakhtin (idem), esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolavelmente no todo do enunciado e todos são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Segundo ele, deve levar-se, em consideração, a diferença essencial entre gênero de discurso primário (simples) e gênero de discurso secundário (complexo); estes aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica e sociopolítica.

De acordo com Martín (1973, p. 210), são gêneros secundários a crônica, o artigo, o manual panfletário, a resenha, a dedicatória, o epílogo, a carta, a notícia, o editorial, o anúncio, o tratado e a conferência (quando está escrita). Nessa concepção, o objeto deste estudo, as crônicas de Rachel de Queiroz, se classifica

como gênero secundário. As circunstâncias específicas de comunicação de que fala Bakhtin (2000) referem-se, por exemplo, à veiculação em revista de circulação nacional de grande tiragem e dirigida ao público em geral; inserção na última página da revista e com essa especificação registrada; conseqüente limitação da extensão do texto a uma página (duas colunas); indicação da autora como responsável por uma das “Seções” e não como colaboradora (situação em que, por outro lado, se encontram literatos, como Lygia Fagundes Telles, Dinah Silveira de Queiroz e Adalgiza Nery) (Neves, 2006).

1.2. CATEGORIAS TEXTUAL-DISCURSIVAS PERTINENTES PARA ANÁLISE NO GÊNERO “CRÔNICA”: AS MARCAS DE COLOQUIALIDADE E OS PARÊNTESES.

1.2.1 As marcas de coloquialidade

Dois outros conceitos importantes para esta análise, devido à ocorrência constante dos fenômenos que eles designam no corpus de exame, são os de coloquialidade (incluindo oralidade) e de funções parentéticas.

Sobre os marcadores lingüísticos de oralidade mais especificamente, John Spencer (1974, p. 103 - 105) indica que existe o modo falado e o modo escrito do discurso. Toda linguagem escrita pode ser falada, mas a linguagem falada mostra muitas características ausentes na linguagem escrita, diferenças que não se podem explicar pelas diferenças gráficas e fônicas, mas que são gramaticais e léxicas. Para

Spencer (idem), o escritor pode desejar que aquilo que escreve seja lido como se fosse falado, a fim de dar a ilusão de fala ou ser lido como se fosse ouvido por acaso, dando impressão de um monólogo falado. A linguagem apresentada nos casos acima não terá precisamente os mesmos traços que marcam a linguagem falada espontânea em geral, porém será marcada para propiciar uma ilusão de fala. O autor insiste em que, nos textos literários, as personagens não falam do mesmo jeito que as pessoas na vida real, todavia o escritor utiliza marcadores lingüísticos para criar tal ilusão, marcadores que podem ser grafológicos (aspas, itálicos, traços), lexicais e gramaticais.

O gênero crônica, em geral, se reveste de características da linguagem oral, distensa e, especialmente, no caso de crônicas veiculadas em órgãos da imprensa, que têm público mais vasto e diversificado, é de esperar que o coloquial, e, em conseqüência, a contigüidade do oral, seja uma marca evidente (Neves, 2006).

No exame das crônicas de Rachel de Queiroz que aqui se apresenta, faz-se uma breve avaliação das marcas de coloquialidade no seu discurso, lembrando-se que o tema já foi extensamente tratado em Fargoni (1993). O que fica mais avaliado neste trabalho é um aspecto do planejamento discursivo das crônicas (também lembrado em Fargoni) que mostra a sua proximidade com a modalidade falada da língua: o uso de parênteses como desvio do tópico discursivo.

Castilho (1986, p.82), ao examinar ocorrências da língua falada, apresenta a estrutura parentética como um segmento adendado de fala a um primeiro, depois da sua formulação, “em uma espécie de ideação posterior”, verdadeiro *afterthought*, uma “ruptura do tópico discursivo”, segundo Ochs (1979, p.71), que carrega material importante para o prosseguimento do discurso. Na conversação natural, as estruturas parentéticas costumam ser vistas simplesmente como estratégias

decorrentes do não-planejamento da fala e destinadas a introduzir informação que o falante considera ter faltado na formulação, entrando como um instrumento de (re)planejamento. Na linguagem escrita, por outro lado, o parêntese tanto pode representar a informalidade da linguagem falada como pode evidenciar cuidado de elaboração e marcar estilo, ou ainda, as duas coisas ao mesmo tempo, que é o que se pode ver neste material de exame.

Na conversação, a presença de desvios temáticos e desvios relativos à situação de enunciação são uma constante, no entanto, da mesma forma, é fato que se registra, em certas modalidades de escrita freqüente recurso a essas construções. É o que ocorre exatamente com o este corpus, que é de crônicas talvez o gênero escrito que mais represente a interação escritor-leitor (Neves, 2006), no qual são bastante freqüentes esses desvios relativos ao tema, à avaliação do tema, à formulação lingüística, à construção textual e à enunciação, conforme ilustram as análises no item 4.4.4.

1.2.2 Os parênteses

1.2.2.1 Conceito

Lausberg (1967, p.264), no seu estudo sobre retórica clássica, define o parêntese como uma intercalação estranha à construção de uma oração e, portanto, como um pensamento dentro de uma oração. O parêntese rompe a continuidade da

oração principal e comunica a esta uma estrutura cíclica. O autor (1967, p. 96) conceitua o parêntese como figura de gramática (figura de construção) cujo estudo é importante para a fixação do estilo do escritor.

A respeito do conceito de parêntese, Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 370 - 390) esclarecem que se trata de “um elemento inserido em uma frase, que provoca uma “ruptura sintático-enunciativa”, avaliando que, na medida em que esse elemento tem uma importância secundária, ele pode ser suprimido”. Entretanto, para Jubran (1999), do ponto de vista do falante o parêntese é imprescindível para o discurso.

Para Jubran (1999, p. 131-157), cujo modelo de análise é aqui adotado, as estruturas parentéticas se caracterizam exatamente por uma suspensão momentânea do tópico discursivo para ser acrescentada uma informação relevante. As estruturas parentéticas são bastante comuns na conversação e representam um indício do não planejamento do ato de fala, porque acontecem quando o falante percebe a falta de uma informação e a insere no texto. Ele interrompe seu discurso e replaneja sua fala para introduzir a informação e dar continuidade, em seguida, ao tópico interrompido.

Jubran (idem) também afirma que os parênteses são desvios momentâneos do quadro tópico de um segmento textual. Esses desvios são assinalados por marcas formais típicas de elemento inserido, que fazem precisar a sua identificação e delimitação. Para ela, os parênteses são recursos pelos quais os interlocutores articulam o texto, manifestando as posições que assumem na situação de enunciação e o correlativo envolvimento com o ato de fala que executam. Os desvios parentéticos do tópico discursivo caracterizados em determinado segmento

do texto falado ou escrito manifestam-se em graus variáveis, desde um afastamento tópico mais leve até um mais pronunciado.

Ainda para a autora (*idem*), os parênteses são mais desviantes do tópico quando apresentam uma tendência mais acentuada para focalizar o processo de enunciação, sem que sejam anuladas as suas implicações no desenvolvimento do texto; neste, eles repercutem por estarem perspectivando as condições enunciativas necessárias à própria existência do texto. Menos desviantes do tópico são os parênteses que pendem mais para o “conteúdo” dos enunciados de relevância tópica, esclarecendo-os, exemplificando-os, sem deixar de indicar demandas pragmáticas para a sua ocorrência. Nesta análise, verificar-se-á que os parênteses deste último tipo são fundamentais para a elaboração do quadro tópico, e, por conseguinte, são muito freqüentes.

1.2.2.2 Classes

Jubran (*idem*) distingue quatro grandes classes de parênteses, que focalizem a elaboração tópica do texto, o locutor, o interlocutor e o ato comunicativo. A seguir, apresenta-se um resumo de pontos da proposta da autora que se mostram relevantes para a análise que aqui se efetuará. Não se pode deixar de indicar, também, que, para os propósitos deste trabalho, há necessidade de adaptação das classificações, especialmente para que se possam contemplar as especificidades da língua escrita.

Classe A - Parênteses com foco na elaboração tópica do texto.

Esta classe é constituída por parênteses relevantes para a elaboração dos tópicos discursivos desenvolvidos em um texto. Trata-se de uma categoria tão pertinente na língua falada como na escrita, visto que, embora com diferenças, qualquer peça comunicativa faz elaboração de tópicos.

A.1 Parênteses correlacionados com o conteúdo tópico:

Os parênteses correlacionados com o conteúdo tópico estão na situação-limite de reconhecimento de um segmento textual como parentético, porque atenuam a propriedade de desvio tópico na medida em que, por manterem conexões de conteúdo com os enunciados que têm relevância tópica, continuam concernentes a eles. São esclarecimentos, exemplificações, justificativas, ressalvas, retoques ou desdobramentos de informações tópicas, como pode conferir, quanto às crônicas de Rachel de Queiroz, no **Quadro 2**.

São pelas marcas formais do processo parentético que pode discernir-se quando esclarecimentos, exemplificações e acréscimos, em princípio concernentes aos enunciados que elucidam, adquirem ou não estatuto de parênteses. Há indícios formais de parentetização, que ocorrem no início, e geralmente também no final das inserções parentéticas. Configura-se, em geral, uma suspensão do desenvolvimento do tópico (e posterior retorno) ou uma interrupção sintática do enunciado (e posterior

retomada), tudo marcado, na língua falada, por pausas. Jubran (1999), que faz análise de língua falada, destaca que, como critério de identificação e delimitação dessa modalidade de parênteses, sobressaem as marcas prosódicas de alteração de tessitura e aceleração do ritmo de elocução. Na língua escrita, essas marcas prosódicas têm contraparte gráfica de representação.

Um desses recursos de elucidação do conteúdo das proposições tópicas é o da exemplificação, pela qual se introduzem no texto dados fatuais comprovadores do que está sendo dito. Também, com função de esclarecimento, interpõem-se no texto parênteses que detalham dados expostos nos enunciados, atendendo à regra de “clareza”. Ainda se acrescenta a função de ressalva, pela qual se insere uma observação sobre a extensão do significado de uma preposição, que pode ser ampliado ou reduzido, tendo em vista um ajuste do âmbito significativo dessa proposição. Outra função é a de retoque, que reformula uma informação precedente, precisando-a por meio da repetição de um elemento nela contido e o acréscimo de elementos diferentes. Finalmente, a função de correção, embora tenha, como o retoque, a propriedade de reformulação textual, dela se distingue porque anula a informação sobre a qual recai o processo corretor.

A.2. Parênteses relacionados com a formulação lingüística do tópico.

Os parênteses relacionados com a formulação lingüística do tópico são fragmentos discursivos que se desviam da centralização tópica, pondo em destaque o sistema verbal que está sendo utilizado pelos interlocutores; realizando, pois, uma

função metalingüística, por serem enunciados lingüísticos que, reflexivamente, focalizam a própria linguagem. Trata-se, então, mais uma vez, de uma categoria que se manifesta, embora diferentemente como se verá, tanto na língua oral como na escrita.

Borillo (1993), citando Jakobson (apud Jubran, 1999, p.137), conceitua meta1linguagem no sentido restrito de exploração do próprio sistema de signos lingüísticos, como também mostra que os parênteses metalingüísticos fazem sempre referência ao código do discurso, estabelecendo relações entre signos.

Jubran (idem) ainda apresenta algumas das funções de parênteses que enfocam o processamento lingüístico dos tópicos discursivos. Uma dessas funções é a de explicitação do significado de palavras. Ela se manifesta freqüentemente por meio de procedimentos metalingüísticos em que um termo empregado no texto se torna objeto de um comentário sobre o seu significado e / ou referência.

Outra, ainda, é a função de busca de denominação, que consiste na verbalização do processamento lingüístico do texto e que pode vir indicada por vários recursos. Jubran (idem) relaciona:

- expressões como **mais precisamente, sobretudo, isto é, quer dizer, que**, acompanhadas de uma opção lexical, constituem parênteses que retificam ou corrigem uma outra opção lexical anterior aos parênteses; podem ocorrer também a alternativa *ou* introduzindo o parêntese;
- justaposição ou alternância de sinônimos nos parênteses, que podem ser excluídos, de modo que o último será o termo mais apropriado, ou podem reforçar-se uns aos outros e, por acumulação, transmitir o significado;
- frases que registram um procedimento metalingüístico por meio de termos da linguagem objeto e da metalinguagem, ou seja, de um comentário

metalingüístico que focaliza esse termo-objeto enquanto expressão e conteúdo;

- comentários do *locutor* a respeito de uma opção lexical; no parêntese, o **locutor** faz uma observação sobre a adequação ou não de uma escolha lexical em uma frase que aparece anteriormente;
- expressões como **digamos assim, podemos dizer assim, por assim dizer, vamos dizer assim**, que precedem ou sucedem uma determinada opção lexical, indicando que a denominação escolhida se aproxima do que se pretende comunicar, não sendo o termo mais pertinente.

Se a função é indiscutivelmente pertinente em qualquer modalidade de língua, entretanto a escolha dos recursos é em alto grau dependente do modo de produção. Assim, nesta análise das crônicas de Rachel de Queiroz, em geral não se encontram as expressões indicadas neste trabalho, que examina a língua falada. Por outro lado, um texto de língua escrita de outro gênero teria ainda outros recursos predominantemente usados.

A.3. Parênteses relacionados com a construção textual.

Os parênteses relacionados com a construção textual são metadiscursivos, porque colocam, em evidência, no texto, a sua própria estrutura. Jubran (1999, p. 142-143) apresenta a proposta de Borillo (1985), segundo este os marcadores de estruturação textual operam em três planos - a progressão lógica, a composição ou disposição e a argumentação - especificados como se apresenta a seguir.

1) Plano da progressão lógica

Há enunciados metadiscursivos que asseguram a progressão seqüencial do discurso, estabelecendo relações anafóricas entre enunciados sucessivos, e garantindo, assim, a coesão e a coerência textual. São marcadores de seqüencialidade de expressões do tipo de **a isto se acrescenta... , a seguir, em primeiro lugar, a partir daí... , para completar... , o que conduz a...** São também marcadores de seqüencialidade **os verbos de movimento** que indicam progressão no eixo espaço-temporal, que criam o discurso à medida que este se constrói: **continuar, seguir, chegar a, passar a, levar a.**

2) Plano da composição ou disposição

São expressões ou enunciados que participam da elaboração discursiva funcionando como fatores de integração e organização textuais. Podem assinalar as diferentes fases de estruturação textual, isto é, **introdução, desenvolvimento, conclusão** (como as expressões: para introduzir, para concluir, a título de introdução ou de conclusão) ou dar a uma seqüência discursiva o papel que ela assume no texto, como **resumo** (em síntese, sintetizando, resumindo, em resumo), **ênfase** (insisti-se, sublinha-se, enfatiza-se, destaca-se), **informação paralela** (entre parênteses), e **outros**.

3) Plano da argumentação

Determinados enunciados têm natureza metadiscursiva por darem indicações sobre o funcionamento do discurso, em relação aos objetivos do locutor de demonstrar movimentos de raciocínio na produção do texto: **objeções, concordâncias, suposições, demonstrações, ilustrações** (contexto, objeto que, admite-se, a partir de... concluí-se que, confirma-se, supõe-se, contradiz-se, à guisa de demonstração ou de ilustração, etc.).

Entretanto, Jubran (1999) considera que esses três planos – especialmente os dois primeiros – se justapõem e propõem quatro funções parentéticas nesse grupo: a de marcação de subdivisões de um tópico discursivo; a de marcação de retomadas de tópico (ambas no interior do mesmo segmento discursivo); a de marcação de fases de estruturação do texto; e a de marcação do estatuto discursivo de um fragmento no texto.

Classe B - Parênteses com foco no locutor.

Nesta classe, estão as inserções parentéticas pelas quais o falante se introjeta no texto que produz, destacando representações suas a respeito do seu papel discursivo de locutor-instanciador do discurso e caracterizando o foco enunciativo a partir do qual são perspectivados os tópicos abordados no texto.

Obviamente, nesse conjunto, é altamente determinante a modalidade de língua em questão, já que as condições de interação - e, especialmente, a caracterização dos enunciadores, com presença ou não - dirigem completamente as marcações de foco e caracterizam, de modo particular, esse foco, no caso de língua falada, ou no de língua escrita.

Dentre as funções parentéticas observadas no interior dessa classe, Jubran, (1999, p.131-157), destacam-se as seguintes:

- autoqualificação ou autodesqualificação do locutor para discorrer sobre o assunto;
- manifestação de interesse ou desinteresse pelo assunto;
- manifestação de desconhecimento do assunto proposto pelo interlocutor;
- manifestações atitudinais do locutor em relação ao assunto; neste caso, as inserções parentéticas exprimem o modo pelo qual os significados dos enunciados tópicos são qualificados, de forma a refletir o julgamento do falante sobre a probabilidade de serem verdadeiras as proposições expressas por eles;
- indicação da fonte enunciativa do discurso (com três diferentes situações).

Classe C - Parênteses com foco no interlocutor

Nesta classe, estão os parênteses que materializam a presença do interlocutor no texto falado e fazem referência às condições enunciativas do discurso que garantem a possibilidade de intercâmbio. A particularidade dos fatos de

parentetização desta classe está em provocar uma suspensão momentânea do tópico discursivo para, nesse intervalo, colocar em destaque informações a respeito do papel discursivo do interlocutor, seus atributos para exercê-lo e seu envolvimento com os participantes do ato verbal, mas também com os assuntos abordados. A função fática comum a estes parênteses realiza-se em subfunções como:

- estabelecer a inteligibilidade do texto (seqüências parentéticas esclarecedoras das proposições tópicas);
- evocar conhecimento partilhado do tópico;
- testar a compreensão do interlocutor;
- instaurar convivência com o interlocutor;
- chamar a atenção do interlocutor para um elemento tópico;
- atribuir qualificações ao interlocutor para a abordagem de um tópico.

Classe D - Parênteses com foco no ato comunicativo em si.

Estes parênteses promovem um desvio tópico muito grande, pois provocam uma mudança de planos da centralização sobre um tópico discursivo para o ato de interagir verbalmente. Irá haver, obviamente, uma grande diferença entre o que ocorre na linguagem falada - que foi a que Jubran (1999) analisou - e a linguagem escrita, que é a que se analisa neste trabalho.

Diz Jubran (1999) que, tendo em vista o ato de comunicação, esses parênteses quebram o fluxo temático para, no interior do texto, focalizarem situações necessárias para a própria existência do ato em si, como a presença de

interlocutores, sua predisposição e seu envolvimento na situação comunicativa, a negociação de turnos, o afastamento de ruídos ou quaisquer outros fatos que possam vir a perturbar o canal físico ou o contato entre os locutores, na produção do texto falado.

Nas crônicas de Rachel de Queiroz - registro escrito - procurou-se verificar a distribuição por essas diferentes classes (diferentes focos) dos parênteses das quarenta crônicas selecionadas para tal exame, buscando-se avaliar, também, a distribuição pelas diversas funções parentéticas abrigadas em cada classe (Jubran, 1999; Neves, 2006).

CAPÍTULO 2 - A “CRÔNICA”

2.1 O TERMO CRÔNICA

No dicionário Houaiss, entre outros, a palavra **crônica** é dada como originária do grego *chronikós* (relativo ao tempo). O verbete de Houaiss assinala nove significados, dentre os quais se coloca em destaque: "texto literário breve, em geral narrativo, de trama quase sempre pouco definida e motivos, na maior parte, extraídos do cotidiano imediato". Do Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda (*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*) destaca-se como interesse para este estudo, dentre os sete significados da palavra crônica, os dois seguintes: 1) narração histórica, registro de fatos comuns, feitos por ordem cronológica [...]; 2) texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como temas fatos ou idéias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo, etc., ou simplesmente relativos à vida cotidiana [...].

Também Vivaldi (1979, p. 123) assinala a ligação da palavra **crônica** com o termo *crónos* (grego), que significa “tempo”. Ao criar uma crônica, o escritor tem como matéria-prima fatos do cotidiano, do momento e, em geral, o texto aparece na imprensa. A crônica, hoje, é um gênero jornalístico por excelência, mas já foi, muito antes de surgir o jornalismo como meio de comunicação social, um gênero literário por meio do qual o cronista relatava fragmentos de textos históricos, seguindo uma ordem temporal.

Na verdade, todos os dicionários, de maneira geral, definem crônica como narração de fatos comuns ou históricos em ordem cronológica e os teóricos também relacionam esse tipo de produção literária à noção de tempo. Como observa Neves (2006), outra noção com a qual os estudiosos, em geral, ligam à crônica é a de cotidiano, especialmente com referência a fatos que em si não são tão significativos e que, muitas vezes, passam até despercebidos, entretanto, nas mãos do cronista, são recriados como “um momento lírico, uma reflexão filosófica ou um simples comentário” (Tufano, 1978, p. 222), porque sua ironia, seu lirismo, seu humor ou sua sátira muito podem extrair deles (Sá, 1987, p.11), sendo possível até, como diz Marchezan (1989, apud Fargoni, 1993, p. 46), nascer uma crônica da falta de assunto.

No entanto, cabe observar que é necessário o cuidado de não confundir a caracterização de um gênero (como é a crônica) com um tipo de texto (como é a narrativa). Como se pode ver em Rachel de Queiroz - e nos cronistas em geral - nem toda crônica é do tipo narrativo¹. Na crônica, convivem tipos bem próprios da linguagem escrita, como a narração, a dissertação, a descrição e outros típicos da linguagem falada, como a injunção e o diálogo. Mais que isso, a crônica faz freqüentemente a permeação de gêneros. Ilustrando com a cronista que aqui se estuda, pode apontar-se que, fazendo crônica, RQ escreve, por exemplo, um *Bilhete de parabéns* (em agosto de 1946); uma *Carta a Emília, Miss Brasil* (em junho de 1955), uma *Carta a Daniel Pereira Editor* (em agosto de 1966) e um *Bilhete para Herman Lima* (em junho de 1967). As cartas e bilhetes têm, em geral, até o endereçamento inicial (*Meu prezado aniversariante; Minha flor, Meu compadre*) e guardam todas as marcas do gênero epistolar, porém, visivelmente, não têm apenas

¹ As idéias básicas sobre a questão do gênero na crônica geral e nas crônicas de Rachel da Queiroz aqui desenvolvidas estão em Neves (2006), de onde também se extraíram as citações.

o destinatário como leitor. Além disso, cada uma delas se desenvolve com aquela “forma natural de moldar nossas palavras e enunciados” (Bakhtin, 1997: 279) que corresponde à do gênero crônica, e ainda, do mesmo modo que as demais têm como matéria-prima fatos do cotidiano, fatos do momento, como preconiza Vivaldi (1979, p. 123) na caracterização desse gênero.

2.2 O HISTÓRICO DO GÊNERO

Registra-se, em geral, que a crônica se originou no século XIX, durante o Romantismo, mas só no Modernismo ela se firmou como gênero literário.

Em Portugal se registra historicamente que, em 1434, por ordem do então rei D. Duarte, Fernão Lopes é nomeado cronista-mor do Reino, com a obrigação de “poer em caronyca as estórias dos Reys, que antigamente em Portugal foram; e esse mesmo os grandes feiytos e altos do muiy vertuoso, e de grandes vertudes, é o — Rey seu senhor e padre”.

A data de 1434 é um marco não só para a História como para a Literatura Portuguesa. E também para o gênero crônica: o cronista — que já vinha desde a Idade Média - passa a ser um escritor profissional para trabalhar com a matéria histórica, matéria essa que deverá, desse ponto em diante, despojar-se do maravilhoso e do lendário, que se imiscuíam nos longos “cronicões” medievais, para ater-se aos fatos e à interpretações desses fatos. Outros cronistas assumiram também a função mor do Reino, mas é na altura do século XVI, já em pleno Renascimento, que a crônica se afirma como gênero definido.

A pré-história literária brasileira começa com uma crônica, conforme dizem os estudiosos. Assim, tem-se a carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, que relata ao Rei D. Manuel os lances da descoberta do Brasil em 1500. Como cronista que faz o registro do passado, Caminha comporta-se como um cronista à moda do Quinhentismo português. No entanto, comporta-se também como um cronista no sentido atual da palavra - o de flagrador do tempo presente - na medida em que o seu relato é contemporâneo dos acontecimentos que narra. Caminha é o cronista do cotidiano do descobrimento, ou seja, do *hoje* de 1500.

Sá (1987, p. 6) considera que esse documento é realmente uma crônica, porque, nele, Caminha recria “com engenho e arte” os registros do “contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura européia e a cultura primitiva.”. Como observa Neves (2006), ninguém irá procurar nele aquele “recheio literário” de que fala Rachel de Queiroz na sua crônica de estréia em *O Cruzeiro*, mas da crônica esse texto traz descrições que, baseadas em observação direta, se sujeitam às marcas do subjetivismo e se organizam em uma unidade bastante significativa. Outros cronistas portugueses redescobrem o Brasil, depois de Caminha, dando notícias da nova terra aos europeus e detendo-se, principalmente, no seu aspecto exótico e pitoresco como também nas suas possibilidades de exploração. Entre eles, só para citar alguns exemplos, Pero Lopes Souza, Pero de Magalhães Gândavo e Gabriel Soares de Souza. Paralelamente a esses cronistas leigos, teve-se ainda os cronistas religiosos especialmente a dos missionários jesuítas, como Miguel de Nóbrega, Fernão Cardin e José de Anchieta.

Para Sá (1987, p. 8), a crônica e o folhetim eram “uma seção quase informativa”, na qual se publicavam “pequenos contos, pequenos artigos, ensaios

breves, poemas em prosa, tudo, enfim, que pudesse informar os leitores sobre os acontecimentos daquele dia ou daquela semana”. Neves (2006) adverte que, entretanto, esse é um dado apenas histórico, que nenhum modo conceitua crônica.

Como mostra Fargoni (1993, p.42), alguns cronistas deram ao texto uma nova sintaxe que mudou a estrutura do folhetim, dando-lhe um aspecto mais literário, enquanto desvendavam o real a partir do ponto de vista subjetivo dos fatos com os quais recriavam. Aos poucos, o folhetim foi encurtando e obtendo certos traços de algo que é escrito à-toa, sem receber muita importância. Ganhou um tom mais ligeiro, até chegar ao modelo atual.

2.3 A CARACTERIZAÇÃO

Segundo Cascais (2001, p. 63), a crônica é um texto que transmite a perspectiva do seu autor e cuja liberdade temática deve ser condicionada pelo seu interesse para os outros, o que significa dizer que ela é um texto personalizado, mas o seu tema não é pessoal. Para o autor, a crônica é a escrita jornalística de recorte mais literário, condicionada à clareza que o texto jornalístico deve manter. Poder-se-ia contrapor a idéia de que a crônica é a escrita literária de recorte mais jornalístico.

Ainda conforme Cascais, em relação à notícia, a crônica é um gênero básico do tratamento jornalístico da atualidade. Constitui um texto relativamente curto ou um conjunto breve de imagens que representam um acontecimento, respondendo às questões de referência pertinentes no caso (quem, onde, quando, o quê, como, por que). Sobre a notícia, o autor afirma que, por ser relativamente curta, ela obedece

geralmente a planos preconcebidos e testados como a conhecida “pirâmide invertida”, facilitando o tratamento da matéria e a transmissão de informação.

O caráter jornalístico da crônica, como diz Sá (1987), lhe confere a precariedade e a efemeridade do jornal e transforma o cronista em narrador-repórter, obrigado a escrever em um tempo necessariamente curto, dirigido a leitores quase sempre apressados e desatentos. Observe-se que, como se registrou adiante, em esta análise, Rachel de Queiroz, em sua primeira crônica em *O Cruzeiro*, mostra que se apercebe dessa característica do leitor, cuja atenção se limita a telegramas, notícias de crimes e anúncios; desprezando, em geral, o “recheio literário” que lá se encontra.

Para Sá (1987), a brevidade do tempo dá à crônica a aparente banalidade de quem não pode ir além da superfície e o espaço limitado lhe exige uma brevidade que, afinal, vai dar em uma manifestação de grande economia e riqueza estrutural. As limitações temporais e espaciais não conseguem, assim, limitar a poeticidade dos cronistas: essa brevidade de tempo e de espaço do órgão de imprensa marca o gênero nessa dupla filiação que o autor especifica como a criação de temas jornalísticos com tratamento literário, isto é, com a mágica que transforma o insignificante em significativo, por meio da recriação dos breves instantes fugidios do cotidiano.

No cômputo final dessas idéias e, ainda, com a consideração de como se apresentam as crônicas de Rachel de Queiroz, Neves (2006) selecionou, como bastante definidores do gênero “crônica”, os seguintes traços:

- **alto nível de contextualização:** uma crônica é uma peça do seu tempo; ela traz à cena acontecimentos de seu tempo (ou de algum outro tempo de algum

modo relevante para o seu) e, conseqüentemente, liga-se a determinados costumes, modos de vida, crenças;

- **alto nível de engajamento pessoal:** uma crônica deixa ver seu criador, traz uma perspectiva, sugere seus interesses sem, necessariamente, revelar o próprio autor e, ao mesmo tempo, engaja o leitor mediante à comunhão desses interesses;
- **temática variada:** a inserção do texto na vida contemporânea, ou no modo de vida de algum outro tempo trazido ao presente, aliada à multiplicidade de interesse de que o autor povoa esse gênero do discurso que é a crônica, garante-lhe uma gama inesgotável de temas e figuras;
- **simplicidade formal e vivacidade de estilo:** uma crônica é uma peça breve, leve, de leitura fácil e descompromissada, digerível sem esforço, todavia nem por isso banal.

Da matéria-prima da crônica que, como se viu, é, em geral, o fato banal, do dia-a-dia, mas que também pode ser um fato noticioso, surgem os temas e as figuras que vão povoar a criação do escritor.

Por outro lado, diz Neves (2006), o engajamento pessoal do cronista leva a grande empenho em obter uma recepção que recrie, no leitor, do modo mais efetivo possível, idéias e intenções e isso implica envolvimento total das estratégias lingüísticas que possibilitam essa obtenção. Entre elas, estão a coloquialidade da linguagem e as inserções acrescentadoras ou explicitadoras de informação, como os parênteses.

2.4 A TEMÁTICA E A CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL

Como postula Van Dijk (1990, p.54-55), a análise sistemática das estruturas textuais já começa com o esclarecimento das noções de tema ou assunto. O que Van Dijk denomina **tema** é o que, nas análises de parênteses, aqui realizadas, baseadas em Jubran (1999), vêm tratadas como tópico.

Mediante Gargurevich (1982, p.123-127), a construção composicional do gênero segue a seguinte estrutura básica:

- a) introdução ou enunciação do tema (que chama a atenção do leitor);
- b) argumentação ou desenvolvimento da história;
- c) conclusão ou emissão do juízo sobre o tema.

Essa proposta será testada, aqui no item 4.3, nas análises das crônicas de Rachel de Queiroz.

Quanto à temática, Vivaldi (1973, p.125-141) salienta a origem jornalística da crônica como a que faz que os seus temas estejam ligados ao contexto jornalístico. Gargurevich (1982) destaca as seguintes temáticas: de viagens, de lembranças, históricas e de fatos noticiosos impactantes. Para o autor, crônicas de viagens são relatos de experiências de viagens, vivenciadas também em países estrangeiros. As crônicas de lembranças são relatos de recordações, fragmentos de *Memórias*. A crônica histórica é caracterizada como relato de contexto.

No caso das crônicas de Rachel de Queiroz, há outra temática particularmente relevante a ser analisada: trata-se de temas que levam às observações metalingüísticas. Rachel de Queiroz, freqüentemente, faz metalinguagem, porque mostra grande interesse por assuntos de língua e

linguagem, mas também porque comenta literatura e, como diz Campos (1967, p.7-8), a crítica é metalinguagem, ou seja, é linguagem sobre a linguagem. O objeto – a linguagem-objeto – dessa metalinguagem é a obra de arte, sistema de signos dotado de coerência estrutural e de originalidade. Segundo Barthes (1999, p.27-29), a lógica ensina a distinguir, de modo prazeroso, a linguagem-objeto da metalinguagem. Na opinião do crítico, a linguagem-objeto é a própria matéria que é submetida à investigação lógica e a metalinguagem é a linguagem pela qual se leva adiante a investigação, que exprime, em uma linguagem simbólica, as relações e as estruturas, de uma língua real (linguagem-objeto). Diz-se que há metalinguagem quando existe uma relação em que um termo A – que se pode considerar como a emissão que organiza os signos referentes ao objeto, operando um conhecimento acerca desse mesmo objeto – descreve, explica, identifica, reproduz/produz, cria, reinventa, equaciona, equivale a um termo B. Trata-se, assim, da relação de uma linguagem A com uma linguagem B, como diz Chalhub (2005, p.12-41), que comenta a formulação de Jakobson, para quem a lógica moderna aponta para uma linguagem-objeto, que se refere à nomeação das coisas, como ainda a uma metalinguagem, cujo objeto é a linguagem-objeto.

CAPÍTULO 3 - RACHEL DE QUEIROZ - FICCIONISTA E CRONISTA

3.1 RACHEL DE QUEIROZ FICCIONISTA - RECEPÇÃO CRÍTICA

A consagrada ficcionista Rachel de Queiroz nunca se interessou por curso superior. Era autodidata. Sua escolaridade restringiu-se aos anos mediados entre 1921 e 1925. Como se lê em *Tantos anos* (1998, p. 25-30), a escritora, devotada à leitura, foi iniciada nesta por influência dos pais e aproveitou os muitos livros da biblioteca paterna. Não tinha toda a liberdade para ler o que quisesse, porque a educação feminina sofria as injunções da época, que limitavam a vida da mulher. Então, quando seus pais liam para ela autores como Eça de Queiroz, costumavam pular os trechos “escabrosos”.

Como romancista, Rachel de Queiroz foi, em primeiro lugar, folhetinista. A *história de um nome* foi a primeira tentativa na senda do romance. Isso se deu ainda no Ceará e foi publicado com folhetim. A publicação chamou a atenção dos escritores Antônio Sales e Beni Carvalho. Este, vice-governador do Ceará, era um homem de leitura. Por meio deles, passou a freqüentar as rodas literárias de Fortaleza. A influência do meio social de que participava ativamente iria marcar sua vida futura como uma escritora engajada em movimentos políticos e sociais de grande relevância da vida brasileira. O romance *O Quinze* – de 1930 - já encontra Rachel como jornalista profissional.

Rachel de Queiroz, que teve participação jornalística marcante no decorrer da sua vida, viu seu primeiro romance, *O galo de ouro*, publicado em folhetins em

um órgão de imprensa, a mesma Revista *O Cruzeiro* “que acolheu suas crônicas semanais durante trinta anos.”.

No grande arquivo de obras sobre a produção literária de Rachel de Queiroz existente na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, há grande volume de trabalhos referentes aos seus romances, contudo, em relação às crônicas, não há críticas elaboradas.

Embora o propósito deste trabalho não seja o estudo dos romances, apresentar-se-ão, neste capítulo, algumas indicações da crítica sobre Rachel de Queiroz, pois os estudiosos caracterizam o lado da produção ficcional da escritora. A fonte particular, neste caso, é Bruno (1977), cuja concepção de estilo se aproxima, como se poderá perceber, da de Da Cal (1969), referida em 1.1.1, neste trabalho, e que não se desvincula da visão de mundo da escritora.

Bruno (1977), fazendo uma análise percuciente dos romances de Rachel de Queiroz, delinea em profundidade uma visão crítica das marcas estilísticas principais dessa ficcionista. Assim, em *O Quinze*, observa que sobressai o desdobramento de vidas em situações que se contrapõem dentro de uma textura narrativa que se mantém contínua e inalterável com suas interpolações e vários níveis sociais humanos, admiravelmente unificados pelo clima de dramaticidade. Para ele, a autora mostra as contradições sobre o fenômeno natural e social da seca que atinge a todos, porém muito mais aos desafortunados, aos lavradores ou vaqueiros do que aos senhores da terra. Se a estiagem é um flagelo da natureza, o êxodo se toma um fato que acentua as desigualdades econômicas, desloca o homem da sua paisagem e atira-o aos extremos insuportáveis da penúria. O drama dos retirantes da família de Chico Bento tem o caráter implacável de tragédia da terra. O homem é apresentado em um estado de extrema carência, que vai

transformá-lo em um simples animal, semelhante aos bichos de criação com os quais se confunde, conduzidos apenas pelos instintos primários (fome, sede, urgência de abrigo). Bruno (1977) contrapõe o romance *João Miguel* ao *O Quinze*. De um romance para outro, a concepção não se modifica apenas quanto à paisagem, mas também em relação ao tratamento do ser humano. Ocorre em *João Miguel* um aprofundamento da análise psicológica, em sintonia com o enfoque ambiental reduzido, aos quais correspondem valores literários mais depurados.

Examinando o romance *Caminho de Pedras*, Bruno (1977) avalia que não é um romance panfletário conforme consideraram algumas correntes da crítica literária. Não chega também a ser um romance político, porque esse conteúdo vai constituir um campo para as experiências de auto-consciência dos personagens, para as vivências particulares que terminam por se lhes contrapor tragicamente. Pode ser considerado romance de certa substância intelectual, pelo incitamento às idéias e às opções ideológicas. Os protagonistas principais pertencem à classe média (jornalistas, escritores e profissionais liberais) empenhados na fundação ou reorganização de um partido comunista em Fortaleza. Ao contrário de um caminho para a liberdade, sempre feito de pedras, a "organização" funciona como mais um meio de sujeição do homem, passando a concentrar o papel de elemento desencadeador das forças dramáticas que jogam com o destino das personagens.

Quanto ao romance *As três Marias*, Bruno (1977) mostra tratar-se da história de um internato de moças, escrita em forma memorizada por uma ex-aluna. O ingresso desta no internato é motivado por necessidade de educação e um complexo de desajustamentos familiares. Aparentando ser romance de costumes, contém uma denúncia contra o sistema de ensino da época. Trata-se de uma atitude de revolta com a conseqüente emancipação da mulher. O ambiente no colégio é de

certa forma amorável, apesar dos incidentes, das fugas, dos atritos diários. Ainda assim, não há um clima de violação da personalidade, de terror e de ressentimentos.

Dora, Doralina é um romance em que a autora retoma ao sentido da saga, do documentário social e do testemunho humano, que configurou sua ficção regionalista como inconfundível. Nesse romance como nos anteriores, ela mostra a disposição do homem para se atirar a um tipo de existência errante, instável, em que as experiências se renovam como forma de integração, de fuga ou de descoberta interior, quem sabe como vocação indeclinável, determinada pelos efeitos da natureza hostil sobre o homem. Dora enfrenta um problema, ao mesmo tempo, social e existencial, apesar do seu engajamento na companhia de comediantes que trocavam ambientes e círculos de relações.

Assim, conforme Bruno (1997), a presença de Rachel de Queiroz na cultura nordestina superou em muito a área do ensaísmo sociológico. Ela valorizou diretamente as tradições, os estilos de viver e de pensar que foram herdados da sociedade patriarcal. A nostalgia - presente em boa parte da obra - recebeu o batismo da ciência: é a lusotropicologia.

Comentando sobre a romancista Rachel de Queiroz, o poeta Bandeira (1967, p. 398) se expressa com versos contagiantes em forma de louvação. Desse poema, extraíram-se os versos:

Louvo o seu romance: O *Quinze*
e os outros três; louvo As Três
Marias especialmente,
mais minhas que de vocês.
Louvo o seu teatro: Lampião
e a nossa Beata Maria.
Mas chega de louvação,

porque, por mais que a louvemos,
nunca a louvaremos bem.
Em nome do Pai, do Filho e
do Espírito Santo, amém.

3.2. RACHEL DE QUEIROZ CRONISTA

Pelo que consta, a escritora Rachel de Queiroz nasceu cronista. O livro *Tantos anos* (1998, p. 25-30) relata que a sua vida literária começa, na realidade, com uma brincadeira que ela fez com uma colega, Suzana de Alencar Guimarães, eleita rainha dos estudantes. Para esta, ela escreveu uma carta dirigida ao jornal *O Ceará*, em Fortaleza. Tratava-se de uma carta aberta, para publicação na qual Rachel fazia “gozações ingênuas, porém gozações” dirigida à nova rainha dos estudantes. Entretanto, ao assinar a carta, fê-lo com um pseudônimo, Rita de Queluz. A publicação teve bastante repercussão e todos queriam saber quem era sua autora. Todavia, não conseguiu seu intento, ao homiziar-se no pseudônimo, pois o poeta e jornalista Jader de Carvalho identificou a identidade da missivista opinando:

"Isso é coisa de Rachelzinha, filha de Daniel. Sei muito bem quem é, só pode ser ela". Aí, então, começa toda uma trajetória de escritora para a jovem cearense de Quixadá. O diretor do jornal *O Ceará* ficou cativo com a linguagem de Rachel, convidando-a para escrever crônicas que seriam publicadas pelo seu periódico. Ela tinha, então, dezesseis anos.

Foi encarregada posteriormente da organização do suplemento do jornal *O Ceará*, em que publicava suas crônicas. Isso tudo com um salário de cem mil réis por mês, até o ano de 1928, quando se mudou para o jornal *O Povo* como colaboradora permanente. O sítio Piei, onde morava, foi a sua fonte predileta de inspiração, durante muito tempo e, na verdade, acompanhou sua temática no gênero crônica, por toda a vida.

De jornalista e romancista, a escritora vai-se firmar definitivamente como cronista de renome, após publicar as primeiras crônicas que são as seguintes: "Romance em Morubira" (Rio, 1940); "O catalão", (Rio, nov. 1943); "Tangerine - girl" (piei, jan.1944); "O grande circo zoológico" (Rio, fev. 1944); "O velho Chico" (Rio, fev. 1944); "O caminhão de seu Silveira" (Rio, mar. 1945); "Ceará" (Rio, mar. 1944); "O Padre Cícero Romão Batista" (Rio, mar. 1944); "Diálogo das grandezas da Ilha do Governador", (Rio, maio. 1944), "Isabel" (jun. 1944); "A donzela e a moura torta", (Rio, ago. 1944); "Capote", (Rio, out. 1944); "Itinerário" (Rio, nov. 1944); "O Compadre Antônio Muxió" (Rio, mai. 1944); "A mais gentil das Praieiras", (Rio, nov. 1944); "Mr. David, professor de Inglês", (Rio, nov. 1944); "A dor de amar" (Rio, jan. 1945); "Rosa e o fuzileiro" (Ilha do Governador, fev. 1945); "Os padres", (Ilha do Governador, mai. 1945); "As chagas de Jô", (out. 1945); "O velho Jovino", (mai. 1945); "Retrato de um brasileiro", jun. 1945); "Vozes D' África", (Ilha do Governador, set. 1945); "Bilhete ao meu leitor de domingo", (set. 1945); "Minha amiga, Flicka" (Ilha do Governador, nov. 1945).

Como mostra Vivaldi (1979, p.137), o bom cronista impõe sempre sua própria técnica, seu modo pessoal de escrever. Talvez o que de mais geral se possa dizer da cronista Rachel de Queiroz é justamente que, partindo de um fato, ela tece comentários, colocando seu ponto de vista e juízo de valor para um público que,

subentende-se, concorda com a autora. A crônica "A hora dramática", por exemplo, tem características valorativas e, como se pode observar abaixo, a ordem da crônica é descendente, pois a autora relata o fato no início da crônica e depois opina sobre ele:

"[...] poucos homens, quando caem mortos, provocam um eco tão grande de cólera, dor, indignação, vergonha, qual foi o eco da morte do jovem aviador assassinado [...]"

"[...] Esse crime foi, acima de tudo, um apavorante sintoma do estado de degradação a que desceu este pobre país [...]"

"[...] foi um frio assassinato, um "trabalho" de "gangsters". Foi uma "encomenda" tratada e executada por pistoleiros profissionais [...]"

"Confio na justiça do meu país, confio na paixão pela verdade que anima a comissão de inquérito constituída por elementos das Forças Armadas, já que a polícia, como seria de esperar, se mostrou no caso desidiosa e omissa".

"Mas haja o que houver agora - ou haja o que não houver - aí estão as eleições de outubro ao nosso alcance, com a grande, a extraordinária, a pacífica, a soberana arma para reparar todos os erros e aproveitar a lição de todas as desgraças."

A autora prossegue, dizendo:

Desta vez, se Deus quiser o povo terá melhor memória. As eleições estão próximas, feliz, felicissimamente. De modo que, seja qual for a solução política que os dirigentes do país dêem a este terrível caso, o povo, nas umas, há de confirmar a sentença do judiciário. Que não se repita o desastroso equívoco das eleições de 1950, equívoco provocado por quinze anos de propaganda sistemática, insidiosa, maciça. Esperemos que o povo não mais cubra com as imunidades de um seu mandato os prováveis réus de agora, e seus inimigos certos. As eleições de 50, todos agora o entendem e o lamentam, praticamente anularam a obra saneadora de 29 de outubro de 1945.

Voltar-se-á a essa questão no item 4.4.3.

Para concluir, registre-se, com base em Neves (2006), que Rachel de Queiroz, reconhecida como grande romancista, sempre que teve oportunidade se autodefiniu e se afirmou como cronista. A crônica *Romance* (de julho de 1946) assim se inicia:

O distinto público me desculpe, mas a cronista não está hoje para crônicas. Hoje só nos interessa pensar no nosso romance que chegou na sua hora de ser concluído, publicado, vendido, criticado, esquecido; fazer seu ciclo de vida, igual ao dos homens e dos bichos. Mas uma vez que o espaço desta última página deve ser preenchido de qualquer maneira, poderemos quando muito dar uns toques a respeito do romance. Talvez tenha algum interesse, pois que livro não lido sempre desperta curiosidade - embora depois de lido só desperte tédio.

Assim, negaceando, como observa Neves (2006), Rachel de Queiroz está, na verdade, oferecendo uma crônica sobre seu romance, especialmente sobre as "heroínas" e o "cenário", que é o sertão, e que, como ela diz, "muito bem poderia ser outra personagem". E o texto – sempre uma "crônica" – assim termina:

Como vedes, será uma história. Como vedes, será uma história triste. Talvez tenha algum riso, pois até defunto sorri no caixão, quanto mais os vivos. Mas não cantará glórias, nem belos amores, nem triunfos, nem gerará otimismo e confiança. Uma história de inquietação. Pensando bem, será melhor não a escrever. Quem quer saber de amarguras? E para que escrever mais um livro? O mundo anda cheio de livros, muito piores do que os homens maus que eles tentam descrever; e aliás, talvez nunca tenha havido um homem mau; só gente errada, gente triste, gente fraca. Carne fraca. Ai, os homens que andais vivos agora, e mais tarde sereis homens de pó, que será feito então do vosso mal e do vosso bem?

Na verdade, o que se pode ver é que, nesse caso, o novo romance de Rachel de Queiroz, como qualquer outro fato do seu dia-a-dia, é simplesmente escolhido por ela como tema de sua crônica daquele dia.

CAPÍTULO 4 — AS CRÔNICAS DE RACHEL DE QUEIROZ NA REVISTA O CRUZEIRO

4.1 CONTEXTO DE PRODUÇÃO: RACHEL DE QUEIROZ E SEU LEITOR

Rachel de Queiroz começou a escrever na Revista *O Cruzeiro* em 01 de dezembro de 1945, com a crônica intitulada *Crônica nº 1*. Essa revista que vivenciou um longo período da vida brasileira ganhou foros de credibilidade junto aos leitores; conseguindo, mesmo, tiragens recordes – para a época – de aproximadamente setecentos mil exemplares. Nesse contexto, Rachel de Queiroz, atemorizada por ser lida por tanta gente, sentiu-se estranha: “E agora, de repente, me atiram pelo Brasil afora em número de cem mil. Não se admite, portanto, se eu me sinto por hora meio gôche”. Então, ela propõe um pacto ao leitor para que este leia seus escritos semanais e ambos tenham uma vida longa de convívio coloquial. Na crônica de estréia de Rachel de Queiroz, nessa revista – examinada em Neves, 2006, de onde se extraem, também os exemplos – ela se dirige a seu “leitor amigo” para se apresentar e também para falar de si como escritora. No início do texto, ela estabelece interlocução com seu novo público, um “você” de 100.000 pessoas (o correspondente à tiragem da revista), referindo-se a ele como “a entidade coletiva que você é”. Mostra-se assustada com as “proporções quase incomensuráveis” desse público, já que, até então, ela tinha sido “apenas uma autora de romances de modesta tiragem” ou apenas freqüentadora de uma “página de jornal”. A observação é que metade do público que compra jornal “só lê os telegramas e notícias de crimes

e a outra metade lê rigorosamente os anúncios”, ficando o **recheio literário** “piedosamente inédito”.

Como escritora, (Neves, 2006), ela se qualifica como alguém que “claudica na gramática e em outras artes exigentes”, mas diz que tem sempre casos para contar (“casos da minha terra, desta ilha onde moro: mentiras, recordações, mexericos, que talvez divirtam seus tédios”). Diz, ainda, para o leitor de suas crônicas de *O Cruzeiro*: “Tenho as minhas opiniões obstinadas – você tem, pelo menos, cem mil opiniões diferentes – há, pois, muito pé para a discordância.” Está aí, então, o que Raquel de Queiroz pretende dela própria como cronista.

4.2 A TEMÁTICA

4.2.1 Os temas recorrentes nas crônicas

O percurso inicial que aqui se adota no exame dos temas das crônicas de Rachel de Queiroz, segue, em geral, as indicações de Gargurevich, registradas em 2.4, às quais se acrescenta, com destaque, a atenção aos temas ligados à linguagem, o que leva Rachel de Queiroz a notáveis exercícios metalingüísticos.

Tema: Viagens

Crônica: “São Paulo”

“Depois de uma no de ausência é bom visitar São Paulo. Os jardins estão em flor, predominando o roxo daqueles manacás gigantes que não sei direito como se chamam, mas são lindíssimos. O tempo, consideração

sempre tão importante aqui, anda mais para bonito do que para feio. Manhãs quase sempre de sol, um pouco de garoa à tarde, e eu não falo mal da garoa porque tinha saudades dela. Quem tem um fraco pela cidade – como é o meu caso – não vê defeito no clima de São Paulo, e até o trocaria pelo do Rio, que anda atualmente tão agreste. Ou calor de fumegar ou umidade de fumegar também – falando nisso, que foi mesmo que deu no Rio? Em todo o mês de novembro, entre calor e chuva, não se passou um dia tolerável.

Da minha janela, na Avenida 9 de julho, a vista é belíssima. E ainda há quem diga que São Paulo não tem paisagem! Não tem montanha nem mar, mas nem só de montanha e mar vivem os olhos. E estes céus lavados, e o ar difuso e secreto de neblina, e este grande horizonte aberto, feito de propósito para o homem nele levantar o seu próprio cenário?

Pois daqui, como eu dizia, a vista é muito bela. No primeiro plano, as casas dos ricos do Jardim Europa escondem-se dentro de uma massa de verdura. Casas solenes, ajardinadas e desertas. Aliás pergunto: por que rico, em São Paulo, vive encorujado dentro de suas mansões? Será que as casas são menos feias por dentro do que por fora? Ou eles as têm só de amostra, não as usam? Ninguém vê uma criança nos jardins, uma senhora a mexer nos canteiros, um homem brincar com o cachorro. Se até mesmo os cachorros se mantêm dignos e escondidos e latem em surdina. Só se vêem automóveis fechados, a deslizar das garagens. Será que essa gente não acredita em ar livre, sol – que aqui deveria ser precioso, porque raro –, em céu de Nosso Senhor? Então para que querem os jardins? – engraçado é que se as casas raramente são bonitas, os jardins em geral são muito belos”.

A cronista relata sua viagem a São Paulo após um ano de ausência. Descreve com perfeição clima e aspectos arquitetônicos das moradias paulistanas com o amor à terra que lhe é peculiar. Exalta também as características climáticas entre as duas cidades e as peculiaridades das duas paisagens urbanas.

Nota-se nos segundo e terceiro parágrafos da crônica que a autora discorre sobre a Avenida Nove de julho, exaltando a bela vista que tem de sua janela e também as belezas dos bairros nobres paulistanos, como o Jardim Europa que esconde, no interior das mansões, crianças e seus cãesinhos que brincam e ladram no deserto dos interiores de seus lares, como se não houvesse para tal grandes e belos jardins.

No quarto parágrafo, Rachel de Queiroz aproveita a viagem a São Paulo para pontuar diferenças no desenvolvimento do pensamento humano, descrevendo diferenças entre paulistas e cariocas no sentido de visão política. Enquanto paulistas

tomam comportamento provinciano, cariocas traduzem o pensamento de capital do país, levando suas preocupações para além de suas fronteiras fluminenses.

Finalmente, no quinto parágrafo, a presença dos nordestinos em São Paulo é pontuada, quando a autora discorre sobre o sotaque, modos e posturas cada vez mais presentes nas ruas de São Paulo. Rachel de Queiroz faz um juízo de valor positivo sobre viagem a São Paulo.

Crônica: “Viajar”

“Assim, fica combinado que de vez em quando, aqui da última página, soltarei impressões deste vôo à Europa – para os sedentários, para os saudosos; - os outros que passem adiante”.

A cronista está interessada em falar das viagens à Europa para dirigir suas impressões, principalmente, para os nostálgicos.

A temática de viagens aparece em outras crônicas de *O Cruzeiro*. Dentre muitas, citam-se as seguintes: "Ouro Preto" (p.122, 24 set. 1942); "Roteiro de Minas Gerais I – Juiz de Fora" (p.90,10 abr. 1948); "Roteiro de Minas Gerais II – São João Del Rey" (p. 90, 17 abr. 1948); "Cidade" (p. 98, 30 abr. 1949); "Petrópolis" (p. 90, 23 mar. 1950); "Viajar" (p. 90, 16 set. 1950); "Londres" (p. 90, 23 set. 1950); "Regresso" (p. 98, 22 ago. 1953); "Ida e volta" (p. 106, 19 jun. 1954); "Passeio a Sabará" (p. 106, 24 jul. 1954); "São Paulo" (p. 130, 29 dez. 1962); "Cidade maravilhosa" (p. 90, s.d.); "Congonhas do campo" (p. 90, s.d.).

Tema: Lembranças

A temática de lembranças é freqüente nas crônicas de Rachel de Queiroz. Em *Minha casa, meu lar*, essa temática é nítida, como se vê no trecho reproduzido a seguir:

"A casa era modesta, mas ampla, quartos largos, caiados brancos, chão de ladrilhos, varandas com trepadeiras, cozinhas com fogão de ferro. Representava com exatidão o que naquele tempo se chamava uma chácara. No quintal enorme o partido de bananeiras debaixo das quais era perigoso passar correndo, por causa das casas de marimbondo às folhas baixas. O catavento velho gemia puxando a bomba, e para nós era prodígio de audácia, de engenharia, de altitude - era a nossa torre Eiffel. Ao lado do catavento o tanque que era a piscina, com água que nos dava na cintura, e que a mim me valeu três lambadas de cipó de pitangueiras, por causa de banho escondido na água morna da talha. (p.90, 27 set. 1947)."

Na crônica *Pará, Capital Belém* (p. 90, 01 mar. 1947), encontra-se a mesma temática. A pedido de uma leitora, Rachel mostra a cidade de Belém do Pará por meio das suas recordações do período da infância. Nessa crônica, ela faz descrições de lugares típicos e episódios festivos. Os lugares citados são as ruas Conselheiro Furtado e Serzedelo Correia, onde a escritora morou, o Cemitério da Soledade, o mercado que vende de tudo, as casas de vendas de açaí, o Museu Goeldi com bichos de todas espécies. Os episódios festivos comentados são os da Basílica Nossa Senhora de Nazaré e da festa em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, a santa milagrosa.

Pertencem à tipologia da temática de lembranças também as seguintes crônicas: "Beau-Geste" (p.90, 26 jan. 1946); O Solitário (p. 98, 25 maio 1946); "Cinema" (p.90, 15 jun. 1946); "O garoto" (p.90, 29 jun. 1946); "Feira do Arouche" (p.98, 7 dez. 1946); "Um primo e um livro" (p.114, 28 dez. 1946); "O Caso da menina da estrada do Canindé" (p.90, 15 mar. 1947); "Ma Soeur" (p.90, 10 maio 1947); "Enterro de anjo" (p.90, 21 jun. 1947); "A caçula" (p.90, 01 nov. 1947); "Reminiscências" (p.106, 09 abr. 1949); "Rodovias" (p.90, 3 out. 1953); "Um alpendre, uma rede, um açude" (p. 90, s.d.).

Tema: Fatos noticiosos

A temática de fatos noticiosos está presente em várias crônicas de Rachel de Queiroz. Na crônica *A hora dramática* (p.122, 4 set. 1954), ela relata a emboscada ao jornalista Carlos Lacerda e que resultou na morte do Major Rubens Florentino Vaz. O fato jornalístico é de grande repercussão política, pois a perseguição a jornalistas é um fato que acontecia por todo o Brasil. A autora diz que as eleições estavam próximas e que o povo devia dar uma resposta ao governo através do voto. Na verdade, a notícia repercutiu em grande proporção, culminando no suicídio do presidente Getúlio Vargas.

Na crônica *Gordura* (p.114, 21 ago. 1954), o fato jornalístico é a perda do título de Miss Universo por Marta Rocha por causa de duas polegadas a mais nos quadris.

Por uma questão de duas polegadas a mais na circunferência dos quadris, "Miss Brasil" perdeu o título de "Miss Universo". Sim, positivamente estamos vivendo num mundo de magros, por magros, para magros. E pensar, que na minha terra se dizia: "Dai-me gordura, que eu te darei formosura"... Ou então recordar aquela forma de tolerância universal tão suave para nós, que não somos propriamente as magras:
 Tem quem goste de magreza,
 Tem quem goste de gordura;
 Eu gosto de magra e gorda
 Porque tudo é criatura...

Na crônica, *Do preconceito de cor* (p. 90, 17 out. 1964), Rachel de Queiroz relata que a cantora Elza Soares foi barrada em Hotel em São Paulo por ser negra. A partir dessa notícia, a escritora, indignada, diz que a democracia racial brasileira é assunto tão mundial quanto Brasília e que o turista vem ao Brasil procurando ver essa mistura de convivência entre negros e brancos, mas a discriminação racial acaba com esse atrativo brasileiro.

Outras crônicas ligadas à temática de fatos noticiosos, publicadas também na revista *O Cruzeiro* são: "Notícias do estrangeiro" (p. 90, 04 out. 1946); "Mal haver

bem dizer" (p. 90, 2 nov. 1946); "Sessenta cães" (p. 90, 13 nov. 1946); "Casamento na rua dezoito" (p. 90, 30 nov. 1946); "Uma carta" (p. 90, 9 jan. 1947); "Votar" (p. 90, 11 jan. 1947); "Dinamite" (p. 90, 29 mar. 1947); "Enchente no Ceará" (p. 90, 27 maio 1950); "Zuri" (p. 90, 10 jun. 1950); "Einstein" (p. 90, 21 jun. 1950); "Eleições" (p. 90, 15 jul. 1950); "Eleições - partidos II" (p. 90, 22 jul. 1950); "Eleições" (p. 90, 29 jul. 1950); "A Atômica" (p. 90, 14 out. 1950); "Cadê Carlinhos" (s.d., 1973); "Os Passos de Domitília" (p. 122, 09 set. 1950); "Três mortos no avião" (p. 90, 16 jan. 1960); "Elegância do alegre 900" (p. 90, s.d.); "A casa da morte" (p. 90, s.d.); "Linha de cor" (p. 90, s.d.).

Tema: língua, linguagem e literatura

Percebe-se que os temas ligados à língua, linguagem e literatura são especialmente caros a Rachel de Queiroz². É a essas crônicas que esta análise se dedica mais particularmente, porque elas podem revelar a atenção que a escritora dava ao trabalho de criação lingüística, particularmente o literário.

A cronista escreve *Livros* (nov. de 1955) buscando incentivar a compra de livros e a leitura. Refutando o argumento de que o livro custa caro, ela lembra os prazeres que um livro traz, e dá "vivas ao Livro":

Assim pois, prazer vicariante, contemplação por contemplação, viva o livro que é mais barato e rende mais. Viva o livro, acima de tudo. Viva o livro que substitui tudo que a vida nos nega, que pode criar uma vida para quem não tem vida nenhuma. O livro que é teatro, cinema, viagem, aventura, amor. Que é, meramente, poesia. E dando vivas ao Livro, vamos anunciar ao distinto público deste país que se inaugurou na Cinelândia, no dia 25, mais uma Feira de Livros.

² As idéias básicas que sustentam este item, bem como os trechos citados, se encontram em Neves (2006).

Rachel de Queiroz também trata sobre livros em *Um livro de contos* (de junho de 1946), iniciando por uma pergunta:

O prezado leitor já experimentou escrever uma história curta, ou antes, um conto? Eu, que já o tentei várias vezes e com êxito bem medíocre, sei que é uma das realizações mais difíceis deste mundo.

Discorre, a seguir, sobre a dificuldade de encontrar o conceito de conto, o qual, como o do romance, "se desdobrou de mil formas diversas", desde o conto à Maupassant até os contos de Katherine Mansfield, havendo ainda o "tipo de conto russo", o "tipo Põe", o conto à Bratôme" e outras "legiões de contos" (o conto moral, a fábula, o apólogo, o conto regional, o de costumes urbanos, o dito "de amor"). Aponta a autora que, em geral, o conto parte de uma "anedota" que o escritor "arranja primeiro" "para lhe servir de arcabouço à história, e aí mete seus floreios". Tudo isso, para chegar a comentar um livro de contos de Orígenes Lessa que ela acabara de ler e que era, pois, o fato (a "anedota") que tinha servido de "arcabouço" à sua crônica.

Nesse verdadeiro ensaio sobre o conto que Rachel de Queiroz elabora, chama a atenção à alusão que ela faz ao gênero "crônica", ressaltando o livro de contos. Resumindo o livro comentado *Omelete em Bombaim*, de Orígenes Lessa, ela diz: "um pouco de tudo, anedota, clímax, 'mission' e crônica - há em um livro de contos que acabo de ler". Para ela, então, um romance ou um conto pode ter alguma coisa de crônica, assim como a crônica pode ter alguma coisa de romance, de carta, etc., que é o que se vê nas crônicas da escritora.

De uma carta que recebeu, Rachel de Queiroz explana em *Uma carta* (de fevereiro de 1947) e em *Carta de um editor português* (de junho de 1955).

Na primeira dessas crônicas, ela diz que aquela carta que recebeu, "de uma moça de vinte e cinco anos chamada Aspásia, que, segundo diz, sabe que vai morrer", exige resposta e, então, a crônica está aí para dar a resposta. Entretanto,

não é uma carta que ela escreve e, sim, uma crônica sobre o mote "vida e morte", com reflexões ("Vive-se porque se nasce, vive-se para morrer.") e com conselhos de muita sensibilidade, no entanto, impessoais; conselhos que mais são reflexões e que, na verdade, não seriam dados em uma carta pessoal ("Olhe os outros com olhos desprevenidos."; "Se lhe resta pouco tempo, viva esse resto com naturalidade."; "Não reclame da vida, porque a vida não é uma promessa."). Também não seria coisa para vir na resposta de uma carta a pergunta final da escritora, coisa de ficcionista: "E se a obrigação se interrompe mais cedo, não será antes uma vantagem do que uma desvantagem?".

Na segunda dessas crônicas, o tema são negócios, já que se trata de um editor português que solicitara a Rachel de Queiroz permissão para editar livros seus. Mas, como conta a escritora, a carta exigia que seu texto passasse por "certas e inofensivas alterações, como sejam a deslocação de pronomes (em certos casos), harmonização da ortografia (...) e uma ou outra substituição de termos pouco usados em Portugal ou que tenham sentido diferente daquele que o autor lhes quis dar". A partir daí, do mesmo modo que no caso anterior, Rachel de Queiroz não faz um texto que seria uma carta-resposta, todavia limita sua resposta ao seguinte: "Muito obrigada, mas assim, não.". E, inspirada nesse fato, nessa "anedota", nasce a crônica que gira sobre a idéia de que a língua portuguesa é um patrimônio tanto de Portugal como do Brasil ³. E, em decorrência disso, gira sobre a idéia de que a prática que o editor estabelece "serve apenas para cultivar diferenças e marcar distâncias". E, ainda, em decorrência disso, lembra este inevitável perigo:

Que sobrará de um texto meu, por exemplo, depois de ter os pronomes recolocados à portuguesa, depois de me trocarem as palavras próprias por outras 'de mais fácil compreensão' - mas alheias?

³ "Meu caro amigo português, talvez essa idéia o irrite, mas a verdade é que hoje, a sua língua é um patrimônio tanto nosso como seu." "Afinal, o Brasil não é um filho bastardo de Portugal."

A correspondência que a cronista recebe é tema específico de uma crônica (*Correspondência*, 02 mar. 1946. p. 90). Diz Rachel de Queiroz que responder a todas as cartas é impossível para o "pobre escritor brasileiro", que não tem tempo, que trabalha para ganhar a vida e que tem, afinal, um "ofício penoso":

Diariamente, como uma fera, a dentuça da máquina de escrever está aí para nos devorar o surrado miolo - é o artigo para entrega, é o livro, a peça, a tradução - sei lá! Raro, raríssimo o dia em que um compromisso de entrega urgente não nos amarra ao pé do malfadado instrumento - e enquanto os outros tomam banho de mar ou vão ao cinema, ou batem papo nas livrarias, nós ficamos blá-blá-blá, no teclado, espremendo o juízo, inventando assunto, suando sangue.

Sobre o ofício de escritor Rachel de Queiroz se manifesta bastante. Em *O direito de escrever*, ela retrata o "sujeito" que "escreve uma coisa de determinada maneira", o público gosta, aí ele "prepara uma obrinha parecida com a primeira", o público torna a aplaudir, e então ele está perdido, "porque passou a pertencer ao seu êxito, fica escravo daquele sucesso (...) e daquele trilho inicial não pode mais se afastar". Lamenta, ainda, a exigência de imparcialidade que fazem ao escritor. Pergunta: "Por que ser imparcial? Todo artista produz para externar suas paixões, seus recalques, seus conflitos íntimos." E conclui: "Ora, meu Deus do céu, e haverá motivo mais legítimo para se escrever pró Flamengo - do que ser Flamengo?". Questiona, ainda, o fato de que o leitor só exige imparcialidade do escritor quando este contraria a sua opinião, e, então, na verdade, o que ele, "danado da vida", quer dizer com sua exigência de imparcialidade é o seguinte:

"Já que você não concorda comigo, pelo menos não dê opinião...". A decisão declarada da escritora é a seguinte: "Pois eu me recuso.". E encerra a crônica citando Marion: "Je suis libre, monsieur!".

Nessa crônica, a reflexão se estende também aos outros que fazem arte além do escritor ou poeta: "ator ou músico". Em outras crônicas se verifica que Rachel de Queiroz é muito ligada a todas as artes. Trata, a saber, de cinema em

Inês de Castro (10 ago. 1946, p.90), em que ela reflete sobre o debate que divide a arte e o divertimento, e pergunta: "o cinema, por exemplo, onde é que deixa de ser arte para ser divertimento?".

Fatos específicos de linguagem são tema recorrente para reflexão nas crônicas de Rachel de Queiroz. Um exemplo é o Quadro I do conjunto intitulado *Metonímia, ou A vingança do enganado* (Drama em três quadros: I, II e III, de maio de 1955). O conjunto tem como tema um caso de vingança de um homem enganado pela mulher e consiste em uma narrativa elaborada desse caso. Mas a crônica que constitui o Quadro I discorre primeiro sobre a metonímia, para a seguir entrar no tema pela consideração de que se trata de um caso de "metonímia aplicada". O texto sobre metonímia assim começa:

Metonímia - a palavra me ficou na memória desde o ano de 1930, quando publiquei o livro de estréia, aquele romance de seca chamado *O quinze*. Um crítico, examinando a obrinha, censurava-me porque, em certo trecho da história, eu falava que o galã saíra a andar "com o peito entreaberto na blusa".

Vem pouco depois a definição de metonímia: "tropo que consiste em trasladar-se a palavra do seu sentido natural da causa para o efeito, ou do continente para o conteúdo.", e com um exemplo: "taça espumante".

A norma lingüística também está presente nas preocupações de Rachel de Queiroz. Um dos temas é a ortografia, tema central, por exemplo, em *Vocabulário e ortografia* (23 set. 1953, p.98), onde a cronista faz uma digressão histórica sobre a ortografia no país, para, a seguir, manifestar-se contra o "inferno" em que se transformou a questão ortográfica depois que se abandonou a proposta de uma ortografia fonética simplificadora:

A coisa chegou a tal ponto que a maioria de profissionais da pena, escribas de jornais e livros, nos declaramos em greve, e nos recusamos a aceitar as modificações mais revolucionárias. Escolhemos uma espécie de meio termo, que talvez não fosse o mais justificável à luz da boa gramática, mas nos pareceu o mais cômodo e mais de acordo com as nossas luzes. Deixamos que as comissões da Academia decidissem o que entendessem,

que os professores por dever de ofício impusessem aos alunos a última palavra dos acordos de aquém e além-mar. Nós escrevíamos pela "nossa" grafia, abandonávamos a maioria dos acentos, ignorávamos os tremas, recusávamos a adotar as novidades que nos pareciam mais rebarbativas. Talvez não estivéssemos certos com a ciência lingüística, mas essa rebelião nos valeu muito. Valeu em primeiro lugar para nos libertar da influência predominante da pronúncia portuguesa, preconizada por um dos acordos; se escrevíamos pela fonética em Portugal, não aqui.

E o louvor final vai para Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que, porque também é escritor, foi quem soube dar "unidade, caráter e relativa uniformidade à linguagem-grupo, quem deu foros de cidade aos brasileirismos que se introduziu na língua literária, quem deu "personalidade jurídica" à sintaxe meio bárbara". Referindo-se ao recém-saído *Vocabulário Ortográfico Brasileiro da Língua Portuguesa*, "supervisionado e prefaciado por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira", Rachel de Queiroz conclui: "Pois é mestre Aurélio que vem agora acabar com o nosso não-conformismo ortográfico, que vem pôr ordem no caos.". Afinal, com essa obra em mãos, diz a cronista: "não receio confrontos - chego quase à ilusão de que sei português...".

A literatura é particularmente cara a Rachel de Queiroz. Como exemplo de seu interesse, cite-se que ela encarece o valor das feiras de livros (em *Livros*, novembro de 1955), divulga a promoção de concursos literários (também em *Livros*) e defende o oferecimento de prêmios literários (em *Prêmios literários*, março de 1954).

Quanto ao incentivo de publicação de livros, independentemente de serem propriamente literários, é um grande exemplo a crônica *Um velho livro* (julho de 1951), em que a escritora faz uma veemente solicitação ao Congresso para aprovação de projeto que permitiria a publicação de uma coleção de oito livros de viagens escritos por Alexandre Rodrigues Ferreira, "doutor de Coimbra" que "dedica a sua vida inteira à ciência, ao estudo", que "viaja, com risco sério dessa mesma vida, por terras misteriosas, varando rios que só de nomeá-los dá medo, enfrentando

a selva amazônica, não agora, com a ajuda de aviões e rádios, mas na década remota de 1780".

Rachel de Queiroz também faz reverência a grandes escritores. Graciliano é tema e título de uma de suas crônicas (*Graciliano*, junho de 1947, p. 90): "Para ele, o escrever havia de ser sorrir, ou chorar belamente, compondo mensagens de fé, de esperança, de todas as virtudes teologias.". Não é o mesmo que para ela: "a mim parece o contrário, que escrever é propriamente fazer caretas, - caretas ao mundo, à vida, a si próprio". Rachel de Queiroz fala do virtuosismo da criação literária aliado ao virtuosismo da linguagem em Graciliano. Para ela, o escritor "se isola na literatura nacional, só tendo parecença mesmo com o nosso sublime mulato, porque também é mestre da linguagem, que domina com refinada segurança", pois só ele e Machado "realizaram o encontro, na mesma pessoa, da autêntica vocação de romancista com um insuperável virtuosismo lingüístico": em Graciliano, "nada de talento carecido de estilo ou nada de oposto, o estilo carecido de talento". Enfim, "e se por um acaso, por obra de uma catástrofe natural ou política, sumisse num incêndio toda a literatura brasileira e só sobrassem do fogo os livros de Graciliano Ramos, bastariam esses romances para justificá-la: sozinhos eles afirmariam que nos seus três séculos de vida a nossa literatura não existiria em vão.".

Mas, da linguagem literária propriamente dita, Rachel de Queiroz explana de modo muito particular em *Língua* (22 ago. 1959, p. 90). Ela parte do fato de terem sugerido que ela estava escrevendo à Guimarães Rosa: "Está ficando que é mesmo um Guimarães Rosa dos pobres! Assim caçoam comigo aqui em casa, ao fazerem censura das histórias de bichos e caboclos que ando contando ultimamente.". Depois de ter comparado sua "limitada maneira" de "procura de caminhos novos" à maneira criativa de Guimarães Rosa, que "usa a língua existente como o artesão

usa a matéria-prima", que "inventa, tira formas completamente novas do material velho", a cronista chega ao registro da preocupação que a literatura sempre teve com fugir à aparentemente obrigatória dualidade da linguagem entre "a do cotidiano e a do escrever para ser publicado". É o que Rachel de Queiroz confessa ter sempre feito, enquanto Guimarães Rosa, "com aquele impressionante talento que Deus lhe deu", não fica nem em uma modalidade nem em outra: o que ele faz é "criar uma terceira língua que é uma beleza, mas de que ninguém pode se apropriar sem ridículo, porque é só dele". A língua falada é "cheia de sangue e força", enquanto "aquela outra língua em que a gente escreve parece uma múmia enfaixada"; mas, por outro lado, "como a língua viva é viva", "todo dia ela muda, ondula, varia, inventa, envelhece", e aí está a dificuldade no "libertar a fala literária de seus panos de rotina".

Continua-se citando:

A grande questão está em saber escolher o que permanece e o que passa; e o mal de todos nós, que lidamos com esse problema de conciliar linguagem literária com linguagem falada, é a facilidade com que ficamos fora da moda. Isto que à gente agora parece tão expressivo e natural, deixe a página amarelecer, e parecerá tão obsoleto quanto um filme de Bertini.

No fundo, o que está em questão é a linguagem literária de cunho regional - que está tanto nela como em Guimarães Rosa -, a qual, afinal, "não corre esse risco de obsolescência rápida, como dizem os fabricantes de automóveis". Arremata ela:

Por isso tento, com maior insistência, embora com tão precário resultado (como se tornou evidente), incorporar a linguagem que falo e escuto no meu ambiente nativo, à língua com que ganho a vida nas folhas impressas. Não que o faça por novidade - apenas por necessidade. Meu parente José de Alencar quase um século atrás vivia brigando por isso, e fez a escola.

E a reflexão vai esbarrar nos filólogos: "Naturalmente, nessas tentativas marcadas muito mais pela audácia que pela sabedoria, comete-se muita tolice e se faz muita coisa de se arrepiar filólogos. Mas o leitor, benza a Deus, que é igual a nós e não aos filólogos, em geral entende e, muitas vezes, dá ajuda."

Fazem parte, também, da temática ligadas à linguagem e à literatura, muitas outras crônicas; dentre as quais, citam-se as seguintes: "Crônica n° 1" (p. 90, 01 dez. 1945); "Correspondência" (p. 90, 02 mar. 1946); "Não escrevam" (p.90, 18 maio 1946); "Um Livro de contos" (p. 90, 01 jun. 1946); "Romance" (p. 90, 6 jul. 1946); "Confissão do engolidor de espadas" (p.90, 27 jul. 1946); "Inês de Castro" (p. 90, 10 ago. 1946); "Bilhete de parabéns" (p. 90, 31 ago. 1946); " O avesso da arte" (p. 90, 12 out. 1946); "Um primo e um livro" (p. 90, 28 dez. 1946); "Uma carta" (p. 90, 9 jan. 1947); "Um negro no futebol brasileiro" (p. 90, 12 mar. 1947); "Ao pegar da pena" (p. 90, 2 jul. 1949); "Mais cartas" (p. 90, 9 jul. 1949); "Caricatura" (p. 90,24 jun. 1950); "Poema que chegou pelo correio" (p. 90, 26 ago. 1950); "Respondendo cartas" (p. 90, 2 set. 1950); "Um velho livro" (p. 130, 07 jul. 1951); "Escrever" (p. 90, 03 jul. 1954); "Livros" (p.130, 05 nov. 1955); "Churchill" (p. 114, 13 fev. 1965); "Cartas" (p. 90, s.d.); "Um homem de letras" (p. 90, s.d.); "Arco do triunfo" (p. 90, s.d.); "O romance da vida" (p. 90, s.d.); "Gilberto de Alencar" (p. 90, s.d.).

4.2.2 A relação com os temas dos romances

Entretanto, não se esgota por aí o conjunto de ternas em torno do qual Rachel de Queiroz construiu suas inúmeras e ricas crônicas de *O Cruzeiro*. Pode voltar-se a seus romances para verificar que todos aqueles temas que os marcaram (ver 3.1) são explorados também nas crônicas, como mostra Neves (2006) em:

- O *Quinze*, nas crônicas, está à seca com suas implicações sociais e humanas;

- *Caminho de pedras*, nas crônicas, aparecem temas intelectuais, de incitamento às idéias e às opções ideológicas;
- *As três Marias*, nas crônicas, são discutidos costumes e preconceitos sociais.

Afinal, como nos romances, tradição, modo de vida e modo de pensar são ingredientes temáticos para a cronista Rachel de Queiroz.

4.3. A CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL

Como já se comentou, há algum consenso sobre os traços da construção composicional das crônicas. Detalhando a estrutura da crônica, Gargurevich (1982, p. 124 - 129) fixa o seguinte esquema:

- a) introdução (para chamar a atenção do leitor);
- b) corpo (narra os fatos, em forma narrativa direta ou dramatizada com diálogos);
- c) desfecho – é a parte em que se pode perceber o objetivo que o escritor procura atingir com seus leitores.

Essa proposta, que, como se vê, é bastante simples, será testada, de modo genérico, nas análises das crônicas de Rachel de Queiroz. É possível notar a existência dessas três partes nesse conjunto de crônicas, podendo-se citar *A hora dramática* (p. 122, 04 set. 1954), como representativa dessa estruturação.

O traço particular apontado por Gargurevich para a **entrada**, que é atrair a atenção do leitor, pode ser observado no segundo parágrafo dessa crônica, em que Rachel de Queiroz relata a emboscada ao jornalista Carlos Lacerda, que resultou na

morte do Major Rubens Florentino Vaz na cidade do Rio de Janeiro e a sua repercussão:

Eis por que, nesta "Última Página", ainda não se aludira ao acontecimento trágico que vem abalando a vida do Rio de Janeiro e a vida do Brasil, desde a madrugada de 6 de agosto último: a emboscada contra o jornalista Carlos Lacerda que resultou na morte do Major Rubens Florentino Vaz, e em ferimentos a bala no próprio jornalista e no guarda municipal Sálvio Romeiro.

A característica da parte que Gargurevich chama **corpo**, que é narrar os fatos de forma direta ou dramatizada, pode ser percebida no quarto parágrafo da crônica:

Esperemos que à hora em que este número de "O Cruzeiro" estiver nas ruas (e não será cedo!) o atentado da rua Toneleiros já não seja um mistério para ninguém, e no lugar que lhes é devido, - a cadeia - estejam os seus responsáveis, materiais e intelectuais.

O **desfecho** (que traz o objetivo central da crônica) pode ser observado no sétimo parágrafo, em que Rachel de Queiroz termina a crônica dizendo que confia na justiça do país, nas eleições e tem fé em que o povo há de consertar o erro cometido em 1950, por meio do voto:

Não quero antecipar julgamento. Confio na justiça de meu país, confio na paixão pela verdade que anima a comissão de inquérito constituída por elementos das Forças Armadas, já que a Polícia, como seria de esperar, se mostrou no caso desidiosa e omissa. Confio igualmente na severidade do julgamento popular.

Em *Retorno* (p.98, 04 set. 1954), pode-se observar a exploração da **entrada** logo no primeiro parágrafo, em que Rachel de Queiroz comenta, no exemplo citado, que na cidade do Rio de Janeiro oito mil nordestinos aguardam do governo passagem de volta às suas terras:

Anunciam os jornais que há aqui no Rio de Janeiro, 8 mil nordestinos esperando do governo passagem de volta para as suas terras. Entra assim na sua última fase o ciclo da retirada, ou começa o último ato do drama dos paus-de-arara.

Encontra-se o **corpo** da crônica no seguinte parágrafo:

Parece que o governo vai atendendo a esses oito mil brasileiros à medida do que pode, ou diz que pode; em pequenas prestações. Neste começo de agosto partiu um navio do Lóide levando de regresso 151 pessoas. Em começo de setembro, talvez parta outro... A solução óbvia, a solução que

remediaria a crise, o frete de um navio para esse trabalho, parece muito acima das fracas forças do governo. É dispendiosa demais...

O **desfecho** (que traz o objetivo central da crônica) pode ser observado no sexto parágrafo, em que Rachel de Queiroz termina a crônica conjeturando e concordando com a afirmação de um exilado nordestino, que dizia que o governo demoraria tanto a cuidar do retorno dos conterrâneos que ao acontecer tal medida muitos já estariam mortos.

Ontem me dizia um desses exilados que devolver o nortista à sua terra é obra de misericórdia, igual a enterrar os mortos. Ninguém – argumentava ele – deixa um defunto ao chão, no meio da rua. E afinal, defunto não sofre, enquanto o nordestino, que é vivente, sofre. Verdade que, se esperar muito, com pouco eles estão virados em defuntos mesmos, e aí tem que enterrar, de qualquer jeito...

4.4 A LINGUAGEM DE RACHEL DE QUEIROZ NAS CRÔNICAS DE O CRUZEIRO: ASPECTOS ESTILÍSTICOS.

4.4.1 Marcas lingüísticas de coloquialidade

As marcas lingüísticas de coloquialidade mais típicas nas crônicas de Rachel de Queiroz se ligam claramente a uma tentativa de aproximação da escritora com o leitor.

Podem-se verificar essas marcas em crônicas como "Língua" (p. 90, 22 ago.1959), em que é possível afirmar a existência de frases feitas, ou seja, locuções fixas consagradas porque muito usadas, no dia-a-dia, como nos seguintes exemplos: *“enquanto eu apenas toco de ouvido as cantigas, para tirar a teima é só olhar velhas páginas de revista, com aquele impressionante talento que Deus lhe deu, mas o*

leitor, benza Deus, que é igual a nós.”. Também na crônica *Vitalinas*, na epígrafe, ocorre um registro de oralidade, que é um trecho de cantiga da cultura popular: “*E tira pó, Vitalina, / Bota o pó, Vitalina, / Moça velha não sai mais do caritó.*”. Ainda no segundo parágrafo, encontra-se a expressão “*Deus que me perdoe*”, e no sexto, o dito popular “*Cobra que não anda não engole sapo*”. Na crônica *Manhã na casa de João José*, lê-se, no primeiro parágrafo “*A telha da casa toda não ficou grande coisa, muito fraca e areenta,... não tem questão, cada um que se vire, mas só o diabo sabe como dói na hora de repartir, Tará certo?, Deixa o diabo da casa cair*”. No sexto parágrafo, a personagem Coquinha também diz (e sem nenhuma oração introdutora de discurso direto): *bença, pai*.

Além dessas frases feitas e construções populares, encontram-se também, nas crônicas de Rachel de Queiroz, termos regionais. Na crônica *Vitalinas*, há expressões como: *ficou no caritó* (primeiro parágrafo), *nada de talento carecido de estilo, o estilo carecido de talento* (terceiro parágrafo), *limpar de enxada* (oitavo parágrafo), *moça livre; mulher de carreira* (décimo primeiro parágrafo).

Na crônica *Manhã na casa de João José*, encontram-se expressões populares ou regionais como: no primeiro parágrafo, *'pagou pra levantar a casa, barrear a taipa*; no segundo parágrafo, *depois de emborcar e voltar a dormir*; no sexto, *o cabelo levantado que é um arapué, dá um croque no menino*. E na crônica *Língua* aparecem, no primeiro parágrafo, as expressões: *sem carecer de copiar; só sei que os remoques do pessoal*.

Em uma apreciação geral do uso de marcadores de coloquialidade nas crônicas de Rachel de Queiroz, pode-se dizer que, utilizando-os, a autora oferece uma linguagem que, embora refinada, consegue chegar ao leitor com traços locais bastante vivos.

Tais características das crônicas de Rachel de Queiroz, evidentemente, são marcas comuns aos escritores do Modernismo brasileiro, contudo ela soube trabalhar sua linguagem com a visão inconfundível e individual de artista talentosa.

4.4.2 Marcas gramaticais com função textual

Rachel de Queiroz, como cronista, desenvolve um estilo individual e inconfundível de escrita, durante trinta anos na revista *O Cruzeiro*. Contando com um significativo número de leitores, pois *O Cruzeiro* era uma revista de grande circulação no país e lida por pessoas de diferentes níveis culturais, a autora manteve sempre a clareza da linguagem, deixando-a acessível a todos os leitores.

Pode-se observar, do ponto de vista estilístico, que, nas crônicas, Rachel de Queiroz recorre muito a períodos curtos. Há também o uso constante de orações coordenadas e, com frequência, os períodos se iniciam com conectivos e advérbios juntivos, como *e, mas, depois, assim, então, pois, aliás*. Algumas vezes, a junção se faz com articuladores bastantes comuns na língua falada, como em "Aí ele bate na porta da camarinha das meninas." (Manhã na casa de João José) . Como indica Neves (2000, p. 739-740), as conjunções coordenativas, evidenciam exterioridade entre os dois segmentos coordenados. Especialmente a conjunção **e** que acresce um segundo segmento a um primeiro, recursivamente, com grande efeito textual-discursivo, de progressão, de avanço, mais evidente ainda quando a coordenação é interfrasal. A conjunção **mas**, por outro lado, embora também marque exterioridade

e movimento para a direita, retoma uma porção anterior para servir de apoio a uma contra junção e, com isso, obtém grande força argumentativa.

Em Rachel de Queiroz, as conjunções coordenativas explícitas se apresentam em todos os níveis segmentais também freqüentemente no nível interfrasal, conforme se vê no oitavo parágrafo na crônica "Vitalinas", em que se ilustram os efeitos que acabam de ser comentados:

Nas famílias mais pobres elas também vão para o roncado, junto com os homens de casa, limpar de enxada. E o sinal de que uma família tem moça muito mimosa e de bom trato, é dizer-se que ela não sabe o que é enxada. Mas apanhar feijão e algodão todas apanham, mesmo as de luxo.

Na crônica *Manhã na Casa de João José* é muito visível o recurso à coordenação, tanto assindética como sindética, o que dá grande mobilidade ao texto.

O recurso ao valor dinamizador que também se obtém com uma coordenação assindética recorrente, o que pode ser observado nestes trechos da mesma crônica:

“Chega no fogão de barro (...), tira o bocal da lamparina, pinga umas gotas de gás no facho, risca um fósforo, arruma a lenha por cima do facho aceso, vê se levantar estalando a primeira labareda.”
 “Nenen sai do quarto com o cabelo levantado [...] , dá um croque no menino, toma a bênça ao pai, bota a lata do café no fogo [...]”
 “Coquinha também bença pai, pega na lata grande, se enrola no lençol [...]”

No processo de criação da linguagem de Rachel de Queiroz, nota-se, de fato, o recurso freqüente a orações independentes e ao período coordenado. O vocabulário rico, com forte apelo à fala popular, como já se pôde observar, flui com a espontaneidade de quem domina a arte da palavra, com a maestria dos escolhidos. Também a brevidade de períodos torna sua prosa coloquial e próxima da oralidade, traço marcante de um estilo sóbrio, contudo sensível ao falar do povo brasileiro. Os períodos são, em geral, breves, colados à transcrição dos atos e dos

acontecimentos. E essa linguagem não diverge da dos romances, o que, entretanto, é matéria para outra pesquisa.

4.4.3 A focalização de fatos como visão de mundo

Na continuidade da análise das crônicas de Rachel de Queiroz, é importante entender a questão da focalização. Tratando da análise de narrativas, Reuter (2002, p. 73), diz que a focalização de fatos é muito importante, pois o leitor percebe a história segundo um ponto de vista, uma consciência que seleciona o tipo e a quantidade das informações. Pode-se saber mais, ou menos, sobre o universo e os seres, pode-se continuar fora dos seres ou penetrar em sua interioridade. Obviamente, as crônicas não têm apenas seqüências narrativas, todavia a observação de Reuter pode ser para todo o texto.

A autora, no primeiro parágrafo da crônica, escreve:

Crônicas semanais, publicadas em revista e escritas com quinze dias de antecedência, não proporcionam ao comentarista a oportunidade de lidar com o fato em foco; com aquilo que representa o próprio nervo do jornalismo, que é o acontecimento do dia. Escrevendo para publicação duas semanas mais tarde, o cronista hebdomadário tem, por isso mesmo, que escolher os seus assuntos entre os que não dependem de uma atualidade imediata, os acontecimentos que não se arrisquem a estar completamente superados quando sair impresso o seu comentário.

Esse trecho é composto por duas frases declarativas, para as quais a cronista emite um juízo direto sobre a própria dificuldade do cronista de ter de escrever em um pequeno período de tempo. Essa ocorrência é interessante, porque, geralmente, a localização do aspecto opinativo se encontra no final da crônica. Esse tipo de relato já estabelece de início uma das perspectivas (visão de mundo) do texto.

No segundo parágrafo, a primeira frase é uma seqüência narrativa, pois há o relato da notícia do atentado contra Carlos Lacerda, na Rua Toneleros, em Copacabana, no Rio de Janeiro:

Eis por que, nesta "Última página", ainda não se aludirá ao acontecimento trágico que vêm abalando a vida do Rio de Janeiro e a vida do Brasil, desde a madrugada de 6 de agosto último: a emboscada contra o jornalista Carlos Lacerda que resultou na morte do Major Rubens Florentino Vaz, e em ferimento à bala no próprio jornalista e no guarda municipal Sálvio Romeiro.

No terceiro parágrafo, a escritora concentra na expressão "nesta hora atrasada" a visão sobre a dificuldade do cronista de revista, pela ausência de tempo e por ter de lidar com fatos já ocorridos há algum tempo. A utilização do adjetivo *atrasada* cumpre a função de qualificar o substantivo *hora* que significa o momento do ato de redigir a crônica. Essa expressão situa-se na frase interrogativa *E sobre esse crime, nessa hora atrasada, que mais resta a dizer?*, expressando a situação paradoxal do escritor e, ao mesmo tempo, procurando envolver o leitor em relação à continuidade do tema que está sendo desenvolvido:

E sobre esse crime, nesta hora atrasada, que mais resta a dizer? Apenas constatar que poucos homens, quando caem mortos, provocam um eco tão grande de cólera, dor, indignação, vergonha, qual foi o eco da morte do jovem aviador assassinado. Dizer que o Brasil inteiro pôs luto, que o Brasil inteiro até este momento ainda se sente no abalo e na angústia do primeiro dia do atentado, esperando que justiça seja feita e remédios eficazes se apliquem aos males provocados pelo hediondo sucesso.

Para expressar aspectos dos episódios, seus componentes agressivos e emocionais, aspectos que refletem a perspectiva (visão de mundo), e, por conseqüência, opiniões, a cronista recorre freqüentemente a adjetivos qualificadores e locuções adjetivas e substantivos de origem adjetiva.

[...] ao acontecimento trágico [...]

[...] nesta hora atrasada [...]

[...] remédios eficazes [...]

[...] hediondo sucesso [...]

Este crime foi acima de tudo um apavorante sintoma do estado de degradação a que desceu este pobre país.

[...] sórdido tiroteio da madrugada [...]

[...] brios ofendidos [...]

[...] foi um "trabalho" de "gangsters" [...]

[...] homem ofendido e irado [...]

[...] mandante misterioso, poderoso, que se supunha indene a castigos [...]

[...] Polícia desidiosa e omissa [...]

[...] melhor memória [...]

[...] este terrível caso [...]

[...] desastroso equívoco [...]

[...] propaganda sistemática, insidiosa, maciça [...]

[...] obra saneadora de 29 de outubro de 45 [...]

[...] tristíssimo fenômeno [...]

[...] O povo já não anda mais embriagado, hipnotizado, iludido com as flautas mágicas da propaganda dirigida [...]

[...] cheiro corrupto [...]

[...] trágico engano de 1950 [...]

[...] homens de responsabilidade [...]

[...] natural terror de uma solução de força [...]

[...] Últimas conseqüências [...]

[...] com a grande, a extraordinária, a pacífica, a soberana arma [...]

O mais importante a observar é que, com a matéria-prima de fatos (o que inclui notícias), Rachel de Queiroz vai sempre a uma visão de mundo sensível que faz de suas crônicas um documento valioso de seu tempo.

Um fato noticioso, a morte de Churchill (*Churchill*, fevereiro de 1965) leva a uma profunda reflexão sobre a inevitável indiferença ao homem ("ao homem mesmo") depois da morte, por mais grandiosos que tenham sido seus feitos, sua riqueza, seu saber, sua obra, seu gênio. E a conclusão é: "Sim, o que dói mais, em tudo, é o desperdício.". Outro fato noticioso, ligado ao ensino dos colégios militares (*Indisciplina? Provocação?*, 13 dez. 1958, p.130), é ensejo para que Rachel de Queiroz mostre suas posições claras e fortes. Salientando o "esprit de corps" dos rapazes, isto é, "o amor daquele uniforme, a solidariedade do grupo, o ciumento zelo pelos brios da corporação", e lembrando, ainda, o condicionamento que os faz "reagir quase automaticamente a um toque de corneta, a uma voz de comando, a um acenar de pendão", a autora questiona a "provocação intolerável" que acaba de ser feita a eles, colocando-se no supremo comando um homem que "é considerado adversário da classe, desafeto rancoroso de seus líderes mais amados". Ela defende a reação que o fato motivou que de modo algum pode ser considerado um motim, como se teria dito. A reflexão final é: "Por minha vida, se isso porventura é motim, confesso que nunca imaginei fosse possível um motim tão 'enquadrado', tão dentro mesmo das linhas do convencionalismo e da disciplina formal".

A lembrança de uma notícia já antiga - "iam demolir a cadeia velha de Fortaleza" - (*Turismo na cadeia*, maio de 1973) produz uma primeira manifestação da escritora - "não era possível!" -, e, logo a seguir o desabafo: "Bem, felizmente, não foi possível". A crônica é feita justamente sobre o fato de que a demolição não aconteceu, sobre a maravilha que se perderia se ela acontecesse e sobre o que

representou o fato de o edifício ter sido poupado. Vem a fina reflexão final: "Saí de lá dando um suspiro consolado: evidentemente, meu povo civiliza-se."

4.4.4 O parêntese e suas funções.

4.4.4.1 As classes de funções

Como já se expôs, Jubran (1999, p. 131-157) categoriza em quatro classes as diversas funções dos parênteses:

- classe A – que tem foco na elaboração tópica do texto;
- classe B - pela qual o locutor se introjeta no texto;
- classe C - pela qual há um foco no interlocutor a fim de estabelecer a inteligibilidade do texto;
- classe D - que tem foco no ato comunicativo.

Foram analisadas quarenta crônicas⁴ de Rachel de Queiroz em *O Cruzeiro*, e, como se previa, a análise quantitativa da suspensão do pensamento criando segmentos parentéticos – seja para colocar o foco na elaboração tópica, seja para colocá-lo na formulação lingüística, nos participantes do ato comunicativo ou no próprio ato – mostrou esse recurso como altamente recorrente.

Apresenta-se, no Quadro 1, o resultado quantitativo da distribuição das ocorrências pelas quatro classes estabelecidas, segundo o **Foco** do parêntese:

⁴ Essas crônicas estão relacionadas no item relativo à Metodologia.

QUADRO 1 — Classificação dos parênteses, segundo o Foco (Jubran, 1999), nas crônicas de Rachel de Queiroz em *O Cruzeiro*

Foco 1 Elaboração tópica do texto	Foco 2 Locutor	Foco 3 Interlocutor	Foco 4 Ato comunicativo	TOTAL
93 / 83,7%	14 / 12,6%	1 / 0,9%	3 / 2,7%	111

Como se observa, quase 85% dos casos se incluem na primeira classe, diretamente ligada à própria elaboração tópica do texto, pouco mais de 10% se incluem na classe de parênteses que têm foco no locutor e menos de 5% se abrigam entre as classes particularmente pertinentes à situação de fala, em que mais transparece a interação, embora se trate daquele gênero escrito que se tem visto como o que guarda mais semelhança com a modalidade oral (a crônica).

4.4.4.2 A marcação gráfica e os quase-parênteses⁵

Na verificação dos segmentos candidatos ao estatuto de parêntese discursivo-textual, encontraram-se as seguintes marcas gráficas de delimitação dos segmentos:

- a) os sinais de parênteses (sempre duplos), ocorrentes em 48,65% dos casos;
- b) os travessões (no início e no final do parêntese), ocorrentes em 22,52% dos casos;
- c) um travessão (no início do segmento), ocorrentes em 28,83% dos casos.

São exemplos dos três tipos, respectivamente:

⁵ A indicação dessa categoria e sua conceituação estão em Neves, 2006.

- a) “Xerimbabos: é assim que os índios chamavam, **(e no Amazonas ainda os chamam)** aos bichos de estimação criados em regaço, em rabo de saia ou, quando se trata de índia que saia não usa, criados no ombro, no colo, no cabelo.” (*Xerimbabos*);
- b) “E o que se quer explicar é isto: arte seja qual for – **prosa, poesia, ballet, teatro, pintura, etc.** – arte é uma vocação penosa, exigente.” (*Escrever*);
- c) “E já que se começou com citações, cite-se Marion de Lorme, sim, aquela moça heroína do drama de Victor Hugo – **outro colega que também sofria de mania de ter opiniões próprias e pagou o diabo por isso.**” (*O direito de escrever*).

Entretanto, segmentos marcados apenas com um travessão inicial nem sempre se configuram, nas crônicas examinadas, como evidentes expressões parentéticas, tal como essa categoria vem sendo definida nos estudos de organização textual-interativa (Jubran, 1999). Observa-se que, freqüentemente, semelhantes funções semântico-pragmáticas são cumpridas – e, por vezes, com segmentos das mesmas categorias como também das mesmas funções sintáticas – após o registro de um travessão simples, mas o que o travessão faz – às vezes substituindo algum outro sinal de pontuação – é apenas acentuar uma pausa, uma parada, uma suspensão do pensamento antes da continuação da elaboração tópica, sem uma marcação mais evidente de desvio. São exemplos:

“Cinqüenta e três contos – exatos.” (*Cinqüenta e três contos*).

“Já que você não concorda comigo, pelo menos não dê opinião – que eu assim tiro as conclusões que mais me agradem...” (*O direito de escrever*).

“Queixávamo-nos em voz baixa, torcíamos contra eles – e cuidávamos da nossa vidinha.” (*Carta a Daniel Pereira, editor*).

“Ao contrário, setenta anos é lindo, mormente quando o homem usa sua idade como uma faixa de grã-cruz no peito, como um buquê de flores na mão – jamais feito uma muleta ou um emplastro.” (*Bilhete para Herman Lima*).

“Que sobrara de um texto meu, por exemplo, depois te ter os seus pronomes recolocados à portuguesa, depois de me trocarem as palavras próprias por outras “de mais fácil compreensão” – mas alheias?” (*Carta de um editor Português*).

“Pessoa como você, Herman, nem mesmo se pode dizer que faz aniversário – comemora é bodas com a vida, renova os votos de noivado, com missa e bênção de anéis.” (*Bilhete para Herman Lima*).

“Tudo se fez – quase se pode dizer que pelos canais competentes.” (*Indisciplina? Provocação?*).

“Meu avô conversava de livros com a minha mãe – foi mesmo ele quem pôs na filha e na neta o gosto pelas artes de escrever e de ler.” (*Bilhete para Herman Lima*).

“Faz trinta e cinco anos que você equilibra o seu sopro de vida entre perigos de toda natureza – há trinta e cinco anos que a sua vida anda por um fio, e menos do que por um fio, quando apanhou coqueluche pequenino, quando teve tifo aos onze anos, quando escapou de morrer lutando, aos vinte.” (*Bilhete de parabéns*).

“Acabara-se também o amor – ficavam sem resposta os meus gestos de amor, como ficavam as perguntas sem resposta.” (*Churchill*).

“Não ficou guardado em lugar nenhum – senão fragmentos curtos.” (*Churchill*).

“Esqueça-se de si o mais que puder – sincera, humildemente.” (*Uma carta*).

Outras vezes, e muito freqüentemente, esse expediente fica ainda mais longe da função parentética, apenas cumprindo o papel de marcar uma pausa muito forte, uma ruptura de fluxo mesmo, antes de introduzir-se o novo segmento – um termo de oração, uma oração ou uma frase – que assim ganha grande relevo informativo. São exemplos:

“Se eu acredito que o Sr. Fulano de Tal é um traidor, se penso que ele está mancomunado com os estalinistas, que está aliado a Perón e Franco tramando contra a nossa liberdade, ou que explora a miséria do povo em benefício do seu grupo econômico – como é que posso dar a mão a esse homem, comer com ele nessa mesa, a pretexto de que somos todos democratas e de que devemos portanto conviver cordialmente?” (*A impossível convivência*).

“Mesmo porque – que coisas tinha ela para trazer?” (*A impossível convivência*).

“Há o conto dito “de amor”, gênero “Saturday Evening Post” – de que “O Cruzeiro sempre nos está dando amostra” (*Um livro de contos*).

“Ora, meu Deus do céu, e haverá motivo mais legítimo para se escrever pró-Flamengo – do que ser Flamengo?” (*O direito de escrever*).

“Ele espiou bem os boxes de todas as companhias – depois lembrou-se; não era no Galeão que ele trabalhava, mas no outro aeroporto, no Santos Dumont.” (*Cinqüenta e três contos*).

“Mesmo porque – que coisas tinha ele para trazer?” (*Cinqüenta e três contos*).

“O que eu não perdôo a ela é o telefone. Todo o dia o telefone da copa me chamava – eu ia ver, era trote.” (*Metonímia, ou A vingança do enganado*).

“Ter dó de si próprio, mormente quando há um pretexto real para esse dó – é quase uma autofagia, limita o indivíduo em torno de si mesmo, tira-lhe toda a generosidade, toda capacidade de se esquecer, priva-o até de morrer bem.” (*Uma carta*).

“sim, quinze anos da nossa mocidade melhor se ensombraram sob as diferentes formas do Estado getulista – e que foi que nós fizemos?” (*Carta a Daniel Pereira, editor*).

“Agora numa dimensão em certo sentido maior, porque sai do particular para o universal – sinto renovada a antiga impressão ante a morte de Churchill.” (*Churchill*).

“Mas se você tem no espírito um pouco de peçonha de Hamlet e faz questão de saber porque existe o reino da Dinamarca, se quer um sentido, uma explicação, e principalmente uma finalidade para a sua existência, – será que a vida de alguém que de você depende não lhe dará explicação bastante?” (*Bilhete de parabéns*).

“Depois o instante terrível passou – ficou o grande velho e agora até o velho se foi.” (*Churchill*).

“Amador não era mesmo que um cachorro para ela? – e como bom cachorro, havia de lhe adivinhar os pensamentos.” (*Fragmento de romance*).

“A mim parece que a vantagem justamente está no oposto – em manter a vigilância acesa, as arestas aguçadas, as divergências sem ponte.” (*A impossível convivência*).

“Quem havia de dizer – alguém que a conhecera no Quixeramobim, iria reconhecê-la hoje?” (*A impossível convivência*).

Por fim, uma grande parte das vezes, o travessão simples equivale à marca de dois-pontos; portanto, com grande força de apontar para frente no texto e, acoplado a isso, a marcação de uma pausa dramática (NEVES, 1984). São exemplos:

“E você, acudindo a essa criatura, amando-a, consolando-a, deu-lhe tudo o que ela não tinha e que pedia – esperança, razão de ser, alegria, amizade, confiança, paz.” (*Bilhete de parabéns*).

“Leonor, passando o rompante de raiva, tinha vontade de perguntar notícias – se a Amélia já dera à luz, se a água do açude baixara muito, se a mãe teria mesmo mandado cortar o pau-branco do terreiro, conforme ameaçara.” (*Fragmento de romance*).

“Foi respondendo sim – sim, muita poeira, como está a senhora do seu reumatismo, trago um vidro de salicilato francês, conforme a receita.” (*Fragmento de romance*).

“Pior ainda – no nosso mundo, realmente, haverá lugar para essa concepção ideal de ingleses?” (*A impossível convivência*).

“E depois – qual realmente a vantagem desse convívio e dessa cordialidade?” (*A impossível convivência*).

“Pior ainda – no nosso mundo, realmente, haverá lugar para essa concepção ideal de ingleses?” (*A impossível convivência*).

“Metonímia – a palavra me ficou na memória desde o ano de 1930, quando publiquei o meu livro de estréia, aquele romance de seca chamado *O quinze*.” (*Metonímia, ou a Vingança do enganado*).

4.4.4.3. A análise funcional dos parênteses

Os **111** parênteses, classificados quanto aos **recursos gráficos** de demarcação, foram analisados segundo o **foco**, o **domínio** (subclassificação do **foco**, quando existente) e a **função parentética** (categorias depreendidas da análise de Jubran, 1999, completadas com as estabelecidas em Neves, 2006) e, ainda, segundo a **categoria gramatical** do segmento e a **função sintática** (quando existente). Os resultados, com a transcrição dos segmentos parentéticos, estão nos **Quadros nº 2 (Foco 1: Elaboração tópica do texto), nº 3 (Foco 2: Locutor), nº 4 (Foco 3: Interlocutor) e nº 5 (Foco 4: Ato comunicativo)**⁶.

⁶ Os quadros apresentados baseiam-se em Neves (2006)

QUADRO 2 — Classificação dos parênteses do Foco 1, segundo o Domínio, a Função parentética, a Categoria do segmento e a função sintática, nas crônicas de Rachel de Queiroz em *O Cruzeiro*

Recurso gráfico	Foco	Domínio	Função parentética	Categoria do segmento	Função sintática
– parecem artistas representando a caráter. (Ao soar dos alarmes ligeiros)					
–...	1	conteúdo	opinião	frase	
– ou justamente porque era paralítico e incomodava dentro de casa, fora atirado para o galinheiro [...] (Caso clínico)					
–...	1	conteúdo	ressalva	or. coord. alternativa	
– bota pó e tira pó – (Vitalinas)					
–...–	1	formulação lingüística do tópico	citação de texto (intertextualidade)	frase	
–prosa, poesia, ballet, teatro, pintura, etc.. – (Escrever)					
–...	1	conteúdo	exemplificação	sintagmas nominais	aposto
– o artista senta-se à sua banca de trabalho, invoca a musa com quem liga o rádio, dá conta de algumas páginas – (Escrever)					
–...–	1	conteúdo	ilustração	frase	
(e consta que os sabe raríssimos) (Mimiro)					
(...)	1	conteúdo	acrécimo informação	or. coord. aditiva	
(também de co-autoria de Aurélio e chamado na intimidade de “o pretinho”) (Vocabulário e ortografia)					
(...)	1	conteúdo	acrécimo informação	sintagma preposicional	adjunto adnominal
(o sétimo) (Menino cego)					
(...)	1	conteúdo	especificação	sintagma nominal	aposto
(et pour cause) (Os Paços de Domitília)					
(...)	1	conteúdo	acrécimo informação	expressão adv. franc. coord. (negativo)	adjunto adverbial
– incluindo o que se fez não só no primeiro como no segundo reinado [...] (Os paços de Domitília)					
–...	1	conteúdo	especificação	or. adv. condic.	adjunto adverbial

(a autêntica foi retirada com o bloco de estuque e está no Museu Histórico) (Os Paços de Domitília)					
(...)	1	conteúdo	acréscimo informação	frase	
(E é uma mistificação grosseira pretender que Vargas se matou numa voluntária ... de um drama íntimo) (A estrada perigosa)					
(...)	1	conteúdo	opinião	frase	
(Mas já há muita máquina de costura que prega botões...) (Trabalho)					
(...)	1	conteúdo	acréscimo informação	frase	
(num francesismo insubstituível) (Indisciplina? Provocação)					
(...)	1	formulação lgst. do tópico	comentário sobre etimologia	sintagma preposicional	adjunto adverbial
(também tomando banho) (Daniel no jardim zoológico)					
(...)	1	conteúdo	acréscimo informação	or. adjet. gerundiva	adjunto adnominal
(o falecido deputado 'Mané Onça... generoso) (Cidades das crianças)					
(...)	1	conteúdo	identificação	sintagma nominal	aposto
– cavalheiresco, desassombrado, generoso. (Cidades das crianças)					
–...	1	conteúdo	especificação	adjetivos	aposto
(que agora, se tem mesmo anjo no céu, foi morar com eles) (Peço uma saudade)					
(...)	1	conteúdo	acréscimo informação	or. adjetiva	adjunto adnominal
(pois talvez fosse a primeira vez em que tinha oportunidade de bater em mulher) (Bárbaro, a bela diz)					
(...)	1	conteúdo	explicação	or. coord. explicativa	
(e no Amazonas ainda os chamam) (Xerimbabos)					
(...)	1	conteúdo	ressalva	or. coord. aditiva	
(jovens entre 10 e 18 anos) (A idade da inocência)					
(...)	1	conteúdo	especificação	sintagma nominal	aposto
(o catálogo é de verão) (Elegância do alegre 900)					
(...)	1	conteúdo	ressalva	frase	

(como um filó branco 'MODELOS LINDÍSSIMOS') (Elegância do alegre 900)					
(...)	1	conteúdo	exemplificação	or. adv. comparat.	adjunto adverbial
(discretamente dobradas no desenho) (Elegância do alegre 900)					
(...)	1	conteúdo	acréscimo informação	adjetivo participial	
(também hoje chamados 'flor de asfalto') (Sessenta cães)					
(...)	1	conteúdo	acréscimo informação	adjetivo participial	
(sendo ambos tão semelhantes em grandeza) (Graciliano)					
(...)	1	conteúdo	ressalva / realce (Halliday)	or. adv concessiva gerundiva	adjunto adverbial
(Aliás, segundo disseram os jornais, a família de Churchill ... particular dos Malborough) (Churchill)					
(...)	1	conteúdo	ressalva	frase	
– rendas, trabalhos em madeira, corda, metal, couro [...] (Turismo na cadeia)					
–...	1	conteúdo	exemplificação	sintagma nominal	aposto
(lindíssimas) (Turismo na cadeia)					
(...)	1	conteúdo	acréscimo informação	adjetivo	adjunto adnominal
(não me refiro ao outro, o grã-fino) (Cinema)					
(...)	1	formulação lingüística do tópico	registro de referenciação	frase	
(exemplo: japonês e cearense) (Gordura)					
(...)	1	conteúdo	exemplificação	sintagma nominal	aposto
(daí o nome: berimbau de barriga) (Amor)					
(...)	1	formulação lingüística do tópico	explicitação de significado	frase	
– isto é, fazer dele seu rival e inimigo no amor da mãe [...] (Macabra)					
–...	1	conteúdo	exemplificação (isto é)	frase	aposto
(caso seja realmente um complexo) (Macabra)					

(...)	1	conteúdo	ressalva (dubitativa)	or. adv. condicional	adjunto adverbial
– nuvens preciosas de cambraias de linho [...] (Elegância do alegre 900)					
–...–	1	conteúdo	especificação	sintagma nominal	aposto
(que será ponceenete?) (Elegância do alegre 900)					
(...)	1	formulação lingüística do tópico	busca de significado da palavra	frase interrogativa	
– e sinceramente – (O drama da África do Sul)					
–...–	1	conteúdo	acréscimo informação	or. coord. aditiva (c/ introd. modal)	
(como uma que eu vi numa pensão de beira de linha na qual se dava almoço do trem) (Antiquários)					
(...)	1	conteúdo	exemplificação	or. adv. comparativa	adjunto adverbial
(já disse que lá fora faz frio) (Manhã na casa de João José)					
(...)	1	construção textual	retomada de tópico	frase	
– e com tão pouco resultado que nem entendem o que quero – (Língua)					
–...–	1	conteúdo	acréscimo informação	sintagma preposicional	adjunto adverbial
– linha traçada pelo velho Simões Lopes [...] (Língua)					
–...–	1	conteúdo	acréscimo informação	sintagma nominal	aposto
– e aí é que está o ponto – (Língua)					
–...–	1	construção textual	destaque de momento textual	frase	
– e que beleza de música compõe o danado do mineiro! – (Língua)					
–...–	1	conteúdo	avaliação de um elemento do tópico	frase exclamativa c/ coord. aditivo inicial	
(Por isso alertei os jovens) (Livros)					
(...)	1	construção textual	evocação de informação textual	frase	
– tema de livre escolha – (Livros)					

–...–	1	conteúdo	ressalva (de alerta)	sintagma nominal	aposto
(a qual me pareceu tão inteligentemente representada por dona Geralda Armond) (Juiz de Fora)					
(...)	1	conteúdo	acréscimo informação 14 + opinião	or. adjetiva explicativa	adjunto adnominal
(quem sabe?) (A estrada perigosa)					
(...)	1	conteúdo	modalização epistêmica	sintagma nominal	aposto
(o “homem do uso”, como se chama às vezes ao marido) (Vitalina)					
(...)	1	formulação lgst. do tópico	apresentação de denominação	sintagma nominal	aposto
(que ele mesmo fez e já está selado, pedindo reforma) (Manhã na casa de João José)					
(...)	1	conteúdo	explicitação	or. adjetiva	adjunto adnominal
(“Lar de Pequeninina”, como se diz o letreiro à porta) (Mimiro)					
(...)	1	formulação lingüística do tópico	determinação (nome próprio)	sintagma nominal	aposto
– tropo que consiste em transladar-se a palavra do seu sentido [...] (Metonímia, ou A vingança do enganado)					
–...–	1	formulação lingüística do tópico	explicitação de sentido	sintagma nominal	aposto
– cem léguas – (Resposta a uma carta)					
–...–	1	conteúdo	especificação	sintagma nominal	aposto
– de uma moça de vinte e cinco anos chamada [...] (Uma carta)					
–...–	1	conteúdo	especificação	sintagma preposicional	adjunto adnominal
– parece até que estava crescendo. (Metonímia, ou A vingança do enganado)					
–...–	1	conteúdo	modalização epistêmica	frase	
– que noutra circunstância jamais se permitiria – (Fragmento de romance)					
–...–	1	conteúdo	ressalva (de restrição)	or. adjetiva	adjunto adnominal
– o conto moral, a fábula, o apólogo [...] (Um livro de contos)					
–...–	1	conteúdo	exemplificação	sintagmas nominais	aposto

– escritor, poeta, ator ou músico – (O direito de escrever)					
–...–	1	conteúdo	exemplificação	sintagma nominal	aposto
(sei que é galicismo, obrigada; digo porque acho bonito, que é que tem?) (O direito de escrever)					
(...)	1	formulação lgst. do tópico	comentário sobre opção lexical	frase	
(mas está é danado da vida) (O direito de escrever)					
(...)	1	conteúdo	ressalva	or. coord. advers.	
(fossem embora os amenos e rosados trabalhistas ingleses) (A impossível convivência)					
(...)	1	conteúdo	ressalva	or. adv. concessiva	adjunto adverbial
– pelo menos o que eu entendo por democrata. (A impossível convivência)					
–...	1	conteúdo	ressalva	expressão adjetiva	predicativo
– roupas sérias de moça que trabalha, em vez dos trajes vaporosos da menina de família [...] (Cinquenta e três contos)					
–...	1	conteúdo	especificação	sintagma nominal	aposto
(segundo era costume do casal, enquanto o marido almoçava) (Metonímia, ou A vingança do enganado)					
(...)	1	conteúdo	acréscimo informação	expressão adverbial	adjunto adverbial
– e com a mesma letra. (Metonímia, ou A vingança do enganado)					
–...	1	conteúdo	acréscimo informação	segmento adverbial coordenado	adjunto adverbial
– os bororos. (Metonímia, ou A vingança do enganado)					
–...	1	conteúdo	especificação	sintagma nominal	aposto
– com todos os direitos e privilégios que estão inerentes à primogenitura. (Carta de um editor português)					
–...	1	conteúdo	acréscimo informação	sintagma preposicional	adjunto adverbial
(Recordo isso porque seu pai... foi o meu melhor eleitor.) (Carta a Emília, Miss Brasil)					
(...)	1	conteúdo	ressalva (justificativa)	frase	
(E digo Angélica, porque os anjos são também padrões de formosura) (Carta a Emília, Miss Brasil)					
(...)	1	formulação linguística	justificativa de	frase	

		do tópico	denominação		
– que noutra circunstância jamais se permitiria – (Fragmento de romance)					
–...–	1	conteúdo	acréscimo informação	or. adjetiva	adjunto adnominal
– o conto moral, a fábula... gênero “Saturday Evening Post” – (Um livro de contos)					
–...–	1	conteúdo	exemplificação	sintagma nominal	aposto
– não porque a vida lhe fosse particularmente inimiga [...] (Bilhete de parabéns)					
–...–	1	conteúdo	ressalva	or. adv. causal	adjunto adverbial
– chamado Herman – (Bilhete para Herman Lima)					
–...–	1	conteúdo	justificativa	particípio	adjunto adnominal
– o vaguar nas ruas, sem abrigo nem esperança; a fome, o frio, a promiscuidade dos albergues – (Regresso)					
–...–	1	conteúdo	exemplificação	sintagma nominal	aposto
– a cadeia – (A hora dramática)					
–...–	1	conteúdo	especificação	sintagma nominal	aposto
– ou haja o que não houver – (A hora dramática)					
–...–	1	conteúdo	retoque	frase	
– cria – (Língua)					
–...–	1	conteúdo	paráfrase	verbo	predicado
(a menos que seja tão ruim que a evidência salte do papel) (Correspondência)					
(...)	1	conteúdo	ressalva	or. adv. condicional	
– dias de que não disponho – (Correspondência)					
–...–	1	conteúdo	acréscimo informação	sintagma nominal	aposto
– é o artigo para entrega, é o livro, a peça, a tradução – (Correspondência)					
–...–	1	conteúdo	exemplificação	frase	
(e seria até intromissão indevida nossa invadirmos o trabalho de colegas) (Correspondência)					
(...)	1	conteúdo	avaliação	frase	

– esses nossos touros em que vocês falam [...] (Correspondência)					
–...	1	conteúdo	especificação	sintagma nominal	aposto
(principalmente o que vem dos países onde o negro é segregado pela linha cor) (Do preconceito de cor)					
(...)	1	conteúdo	especificação	sintagma nominal	aposto
– multa de cinco a vinte contos é hoje ridiculamente baixa, é um verdadeiro convite à contravenção (Do preconceito de cor)					
–...	1	conteúdo	opinião	sintagma nominal	aposto
– outro colega que também sofria de mania de ter opiniões próprias e pagou o diabo por isso (O direito de escrever)					
–...	1	conteúdo	opinião	sintagma nominal	aposto
– pensando bem só quinhentos e vinte cruzeiros [...] (A impossível convivência)					
–...	1	conteúdo	explicitação	frase	
– tão vivo, o cacho do cabelo preto caindo sobre a fronte, a boca bonita, os olhos tristes [...] (Fragmento de romance)					
–...	1	conteúdo	opinião	sintagma adjetivo	adjunto adnominal
– público que ele supunha só se interessar por temas esquemáticos, padronizados e invariáveis como garrafas de coca-cola. (Inês de Castro)					
–...	1	conteúdo	acrécimo informação	sintagma nominal	aposto
– e não apenas o seu próprio passado, mas o de quantas gerações! (A impossível convivência)					
–...	1	conteúdo	ressalva	frase	
– embora depois de lido só venha a despertar tédio. (Romance)					
–...	1	conteúdo	ressalva	or. adv. concessiva	
– porque o mal está no marco! (Carta a Daniel Pereira, editor)					
–...	1	conteúdo	justificativa	or. coord. explicativa	
– com aquele mesmo rebenque que ele lhe pusera na mão. (Fragmento de romance)					
–...	1	conteúdo	especificação	expressão adverbial	adjunto adverbial
– afinal estava muitos pontos acima de nós, um homem chegado de Londres, depois de muito tempo vivendo lá! (Bilhete para Herman Lima)					
–...	1	conteúdo	justificativa	frase	
– de quem escreve, de quem edita, de quem lê, de quem compra e de quem vende. (Livros)					
–...	1	conteúdo	especificação	sintagma preposicional	adjunto adnominal

QUADRO 3 — Classificação dos parênteses do Foco 2, segundo o Domínio, a Função parentética, a Categoria do segmento e a função sintática, nas crônicas de Rachel de Queiroz em *O Cruzeiro*

Recurso gráfico	Foco	Domínio	Função parentética	Categoria do segmento	Função sintática
(como se tornou evidente) (Língua) 6					
(...)	2	atitudinal 1	manifestação de evidencialidade 1	or. adv. conformativa 1	adjunto adverbial
(e não será cedo!) (A hora dramática) 3					
(...)	2	atitudinal 2	opinião 7	frase 1	—
(Deus que me perdoe) (Vitalina) 3					
(...)	2	atitudinal 3	manifestação psíquica 1	frase 2	—
(embora eu tenha horror a essa palavra) (Língua) 7					
(...)	2	atitudinal 4	manifestação psíquica 2	or. adv. concessiva 2	—
(O prazo me parece lamentavelmente curto) (Livros) 3					
(...)	2	atitudinal 5	opinião 8	frase 3	—
(está tão em moda, agora) (Escrever) 3					
(...)	2	atitudinal 6	opinião do locutor 9	frase 4	—
— dias que disponho — (Escrever) 4					
—...—	2	de engajamento 1	ressalva 17	sintagma nominal 1	aposto 1
(Espero, contudo, que essas lojas... valiosos produtos de artesanato.) (Turismo na cadeia) 3					
(...)	2	atitudinal 7	manifestação de desejo 1	frase 5	—
(Viva o Vasco!) (Romance) 1					
(...)	2	atitudinal 8	manifestação psíquica 3	frase exclamativa 6	—
— ah, a derrubada da Sé Velha,... do Coração de Jesus! — (Turismo na cadeia) 4					
—...—	2	atitudinal 9	manifestação psíquica 4	frase exclamativa 7	—

(Bem – claro – decerto tinha trabalho... as suas esperanças?... (Cinquenta e três contos) 2					
(...)	2	atitudinal 10	opinião 10	parágrafo 1	–
– claro – (Cinquenta e três contos) 3					
–...–	2	atitudinal 11	manifestação de evidencialidade 2	frase 8	–
– acho mesmo que é ela a minha única ligação com a velha retórica (Metonímia, ou A vingança do enganado) 6					
–...–	2	atitudinal 12	modalização epistêmica 3	frase 9	–
– tudo, a nós de fora, parece dentro das especificações do RISG – (Indisciplina? Provocação) 2					
–...–	2	atitudinal 13	opinião 11	frase 10	–

QUADRO 4 — Classificação dos parênteses do Foco 3, segundo o Domínio, a Função parentética, a Categoria do segmento e a função sintática, nas crônicas de Rachel de Queiroz em *O Cruzeiro*

Recurso gráfico	Foco	Domínio	Função parentética	Categoria do segmento	Função sintática
		(repararam como a palavra feminista quase que desapareceu?)		(Lavoro) 2	
(...)	3	estabelecimento de convivência 1	questionamento sobre linguagem.	frase interrogativa em 2ª pessoa 1	—

QUADRO 5 — Classificação dos parênteses do Foco 4, segundo o Domínio, a Função parentética, a Categoria do segmento e a função sintática, nas crônicas de Rachel de Queiroz em *O Cruzeiro*

Recurso gráfico	Foco	Domínio	Função parentética	Categoria do segmento	Função sintática
– bem, tenho lá as minhas faltas – (Bilhete para Herman Lima) 2					
–...–	4	autoqualificação do locutor 1	desqualificação moral	frase 1	–
(não digo ao certo, firme no meu propósito de evitar identificação) (Metonímia, ou A vingança do enganado) 7					
(...)	4	contraste de informação 1	justificativa de dosagem informativa	frase 2	–
– ousou dizer – (Carta de um editor português) 2					
–...–	4	controle de informação 2	justificativa de seleção de informação	frase 3	–

A distribuição das funções parentéticas pelos diversos domínios é mostrada nos **Quadros nº 6 (Foco 1), nº 7 (Foco 2), nº 8 (Foco 3) e nº 9 (Foco 4)**.

QUADRO 6 — Ocorrência de parênteses com Foco 1 - Elaboração tópica do texto, segundo os diversos Domínios e as diversas Funções parentéticas

CATEGORIA	FOCO 1 Elaboração tópica do texto			FOCO 2 Locutor		FOCO 3 - Interlocutor	FOCO 4 Ato comunicativo	
	conteúdo	formulação lingüística	construção textual	atitudinal	de engajamento	estabelecimento de convivência	autoqualificação do locutor	contraste de informação
sintagma preposicional 6 / 5,4%	5	1	-	-	-	-	-	-
sintagma nominal 28 / 25,2%	24	3	-	-	1	-	-	-
or. coord. 7 / 6,3%	7	-	-	-	-	-	-	-
or. adverbial 11 / 9,9%	9	-	-	2	-	-	-	-
frase 39 / 35,1%	17	6	3	10	-	-	1	2
adjetivo participial 2 / 1,8%	2	-	-	-	-	-	-	-
expressão adjetiva 1 / 0,9%	1	-	-	-	-	-	-	-
segmento adverbial 1 / 0,9%	1	-	-	-	-	-	-	-
oração adjetiva 6 / 5,4%	6	-	-	-	-	-	-	-
verbo 1 / 0,9%	1	-	-	-	-	-	-	-
expressão adverbial 3 / 2,7%	3	-	-	-	-	-	-	-
sintagma adjetivo 2 / 1,8%	2	-	-	-	-	-	-	-
particípio	1	-	-	-	-	-	-	-

1 / 0,9%								
parágrafo 1 / 0,9%	-	-	-	1	-	-	-	-
frase interrog. 2ª pessoa 1 / 0,9%	1	-	-	-	-	1	-	-
- Total - 111	80	10	3	13	1	1	1	2

Como se observa, no **Foco 1 - Elaboração tópica do texto**, quase 90% são parênteses do domínio do **Conteúdo tópico**, sendo quatro as funções parentéticas que se destacam pela recorrência: a de acréscimo de informação (pouco mais de 20%); a de ressalva (quase 20%); a de especificação (15%); a de exemplificação (pouco mais de 10%). Encontram-se dez (10) diferentes funções parentéticas dentro do domínio da **Formulação lingüística do tópico**, mas todas elas só ocorrem uma vez no conjunto em análise, perfazendo esse domínio quase 11% do total. Finalmente, o domínio em que se encontrou o menor número de parênteses foi o da **Construção textual**, com apenas 3% do total, referentes a três (03) diferentes funções parentéticas, cada uma também com apenas uma ocorrência.

QUADRO 7 — Ocorrência de parênteses com Foco 2 - Locutor, segundo os diversos Domínios e as diversas Funções parentéticas

Funções parentéticas	Domínios	
	Atitudinal	De engajamento
manifestação de desejo	1 / 7,1%	
manifestação de evidencialidade	2 / 14,3%	
manifestação psíquica	4 / 28,6%	
modalização epistêmica	1 / 7,1%	
opinião	5 / 35,7 %	
ressalva		1 / 7,1%
TOTAL	13 / 92,9%	1 / 7,1%

O **Foco 2 – Locutor** é o segundo bloco mais freqüente, mas com apenas cerca de 13% do total de parênteses (14 em 111). Desse número, cerca de 93% são parênteses do domínio **Atitudinal**, distribuídos em quatro funções parentéticas, sendo duas as que apresentam maior recorrência: a de opinião (cerca de 36%) e a de manifestação psíquica (quase 30%). No domínio **De engajamento**, a única função que ocorre – e apenas uma vez – é a de ressalva.

QUADRO 8 — Ocorrência de parênteses com Foco 3 - Interlocutor, segundo o Domínio e a Função parentética

Domínio	Função parentética
estabelecimento de convivência 1	questionamento sobre linguagem 1
1	TOTAL 1

O **Foco 3 – Interlocutor** é o menos representado no conjunto de parênteses analisados (menos de 1%): o único domínio é **Estabelecimento de convivência** e a única função é a de Questionamento sobre linguagem.

QUADRO 9 — Ocorrência de parênteses com Foco 4 - Ato comunicativo, segundo os diversos Domínios e as diversas Funções parentéticas

Funções parentéticas	Domínios		
	autoqualificação do locutor	contraste de informação	controle de informação
desqualificação moral	1 / 33,3%		
justificativa de dosagem informativa		1 / 33,3%	
justificativa de seleção de informação			1 / 33,3%
TOTAL	1 / 33,3%	1 / 33,3%	1 / 33,3%

O **Foco 4 – Ato comunicativo** é o terceiro bloco em freqüência, contudo representa menos de 3% do total (3 em 111). São três diferentes domínios (**Autoqualificação do locutor**, **Contraste de informação**, **Controle de informação**) e três diferentes funções parentéticas (desqualificação moral,

justificativa de dosagem informativa, justificativa de seleção de informação), cada uma com apenas uma ocorrência.

O exame específico da distribuição das categorias gramaticais por todas essas categorias parentéticas é apresentado no **Quadro 10**:

QUADRO 10 — Distribuição das Categorias gramaticais pelas Funções parentéticas, segundo os Domínios e os Focos

CATEGORIA	FOCO 1 Elaboração tópica do texto			FOCO 2 Locutor		FOCO 3 - Interlocutor	FOCO 4 Ato comunicativo	
	conteúdo	formulação lingüística	construção textual	atitudinal	de engajamento	estabelecimento de convivência	autoqualificação do locutor	contraste de informação
sintagma preposicional 6 / 5,4%	5	1	-	-	-	-	-	-
sintagma nominal 28 / 25,2%	24	3	-	-	1	-	-	-
or. coord. 7 / 6,3%	7	-	-	-	-	-	-	-
or. adverbial 11 / 9,9%	9	-	-	2	-	-	-	-
frase 39 / 35,1%	17	6	3	10	-	-	1	2
adjetivo participial 2 / 1,8%	2	-	-	-	-	-	-	-
expressão adjetiva 1 / 0,9%	1	-	-	-	-	-	-	-
segmento adverbial 1 / 0,9%	1	-	-	-	-	-	-	-
oração adjetiva 6 / 5,4%	6	-	-	-	-	-	-	-
verbo 1 / 0,9%	1	-	-	-	-	-	-	-
expressão adverbial 3 / 2,7%	3	-	-	-	-	-	-	-
sintagma adjetivo 2 / 1,8%	2	-	-	-	-	-	-	-

CATEGORIA	FOCO 1 Elaboração tópica do texto			FOCO 2 Locutor		FOCO 3 - Interlocutor	FOCO 4 Ato comunicativo	
	conteúdo	formulação lingüística	construção textual	atitudinal	de engajamento	estabelecimento de convivência	autoqualificação do locutor	contraste de informação
particípio 1 / 0,9%	1	-	-	-	-	-	-	-
parágrafo 1 / 0,9%	-	-	-	1	-	-	-	-
frase interrog. 2ª pessoa 1 / 0,9%	1	-	-	-	-	1	-	-
- Total - 111	80	10	3	13	1	1	1	2

A categoria mais freqüente que atua como parêntese textual-discursivo é a frase (cerca de 35% dos casos), o que revela o fato de que, na maior parte das vezes, o segmento parentético é absolutamente autônomo, sintaticamente. O sintagma nominal, que se presta muito à função de aposto, uma função de vocação parentética, ocorreu em cerca de 25% dos casos. Orações adverbiais (dos mais diversos tipos) foram responsáveis por cerca de 10% dos parênteses.

O exame específico da distribuição das funções sintáticas por todas essas categorias parentéticas é apresentado no **Quadro 11**:

QUADRO 11 — Distribuição das Funções sintáticas dos parênteses segundo os Domínios e os Focos

FUNÇÃO SINTÁTICA	ELABORAÇÃO DO TÓPICO			LOCUTOR		INTERLOCUTOR	ATO COMUNICATIVO	
	conteúdo	formulação lgst.	construção textual	atitudinal	de engajamento	estabelecimento de convivência	autoqualificação do locutor	contrast e de informação
aposto 30 / 52,6%	26	3	-	-	1	-	-	-
adjunto adnominal 12 / 21%	12	-	-	-	-	-	-	-
predicado 1 / 1,8%	1	-	-	-	-	-	-	-
adjunto adverbial 13 / 22,8%	12	1	-	-	-	-	-	-
predicativo 1 / 1,8%	1	-	-	-	-	-	-	-
- TOTAL - 57	52	4	0	-	1	-	-	-

Dos 111 parênteses só 57 têm função sintática, já que nos demais parênteses ocorrem frases ou orações coordenadas. Dentre os 57 parênteses com função sintática, a função mais freqüente é o aposto (mais de 50%), como era de esperar. Seguem-se os adjuntos adnominais e os adjuntos adverbiais, ambos com pouco mais de 20%.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha das crônicas de Rachel de Queiroz para *corpus* deste trabalho teve suas motivações elencadas nos objetivos propostos; contudo, não nos moveu a vaidade do esgotamento do assunto, dada à extensão e à importância da obra literária e lingüística da escritora. A cronista Rachel de Queiroz não é o lado menor da romancista e contista Rachel de Queiroz, mas trata-se de dimensões literárias diversas de uma vertente comum: a artista da palavra, que, ainda tão jovem, com *O Quinze*, encantou a crítica e cativou milhares de leitores dentro e fora do país.

Em primeiro lugar, é mister ressaltar a natureza literária da crônica. O fato de ser divulgada em jornal não implica em desvalia literária do gênero. Enquanto o jornalismo tem no fato seu objetivo, seu fim, para a crônica o fato só vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto, de que o artista retira o máximo partido, com as virtuosidades de seu estilo, de seu espírito, de sua graça, de suas faculdades inventivas. A crônica é na essência uma forma de arte da palavra, a que se liga forte dose de lirismo. É um gênero altamente pessoal, uma reação individual, íntima, ante o espetáculo da vida, das coisas e dos seres. O cronista é solitário com ânsias de comunicar-se. E ninguém melhor se comunica do que ele, através desse meio vivo, álcere, insinuante, ágil, que é a crônica. A literatura, sendo uma arte – cujo meio é a palavra – e, portanto, oriunda da imaginação criadora, visando a despertar o prazer estético nada mais literário do que a crônica, que não pretende informar, ensinar, orientar. (Coutinho, 1964, p. 305).

Neste trabalho, procurou-se estruturar o processo de criação, composição e escrita de Rachel de Queiroz em crônicas adrede escolhidas – pois publicou só no periódico citado em seqüência, cerca de 15 mil crônicas – cuja publicação semanal na revista *O Cruzeiro* se deu entre as décadas de 40 e 70. Foi objetivo de este trabalho focar os aspectos da dimensão narrativa e estilística no processo de composição da escritora. No estilo jornalístico de Rachel de Queiroz não sobreleva apenas a temática noticiosa, fulcro do cotidiano do jornalismo, mas também aquela que é a marca da originalidade: a linguagem. Procurando explorar os recursos da oralidade e dos coloquialismos que lhe permitem um discurso mais flexível e comunicativo, soube transpor para a escrita a beleza e a espontaneidade da linguagem oral. Assim, os marcadores lingüísticos de coloquialidade e a preferência por certas categorias gramaticais possibilitam algumas conclusões a respeito da linguagem da cronista de Rachel de Queiroz. A esses fatos se junta um aspecto marcante de sua linguagem: as funções textuais parentéticas. Raramente se encontra um texto em que a autora não recorra aos parênteses, muitas vezes marcados com travessões, como recursos discursivos de interrupção sintática da frase.

De certa forma, este trabalho ressentiu-se do apoio da abordagem crítica a respeito da cronista Rachel de Queiroz, pois os estudos de sua obra literária se restringem – exclusivamente – à romancista e à contista. Há, assim, nas crônicas, todo um manancial – dentro de um mundo não devassado – que deverá ser explorado para realçar ainda mais a beleza da extraordinária obra literária da cronista. Rachel de Queiroz insere-se, portanto, no pedestal dos grandes mestres do setor, como Machado de Assis, Rubem Braga, Eliane Cantanhêde, Luís Fernando Veríssimo, Maria Silvia Carvalho Franco, Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto),

Ribeiro Couto, Ledo Ivo, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Heitor Cony e muitos outros também eméritos cronistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATHAYDE, de Tristão. *Meio século de presença literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes. 1997. Discurso na Vida e Discurso na Arte”, tradução didática de Cristóvão Tezza, a partir da edição inglesa. Texto fotocopiado. s/d.

BENDER, Flora, LAURITO, Ilka, *Crônica: História, teoria e prática*, São Paulo: Scipione, 1993.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1975.

BRUNO, Haroldo. *Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1977.

CASCAIS, Fernando. *Dicionário de jornalismo: as palavras dos media*. São Paulo: Verbo, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Lingüística* - Tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

COSERIU, Eugenio. *O Homem e a sua linguagem*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, São Paulo: EDUSP, 1982.

COSERIU, Eugenio, *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Trad. Agostinho Dias Carneiro, São Paulo: EDUSP, 1979.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*, Rio de Janeiro: Livraria São José, 1964, p. 305.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global, 2001.

DA CAL, Ernesto Guerra. *Língua e estilo de Eça de Queiroz*. Rio de Janeiro: EDUSP, 1969.

DIJK, T. A. Van. *La noticia como discurso*. Trad. Guillermo Gal. Barcelona/ Buenos Aires: Paidós, 1990.

DOOLEY, A. Robert, & LEVINSOHN H., Stephen. *Análise do Discurso: Conceitos básicos em lingüística*. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 2004.

ECO, U. *Como se Faz uma Tese*. 14. ed., São Paulo: Perspectiva, 1996.

- ENKVIST, L. N.; SPENCER, J. *Linguística e estilo*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1974.
- FARGONI, Ana Maria Souza Lima. *A manifestação da oralidade na escrita: um estudo da crônica*. Dissertação de mestrado -UNESP- Araraquara, 1993.
- GARCIA, M. Otton. *Comunicação em prosa moderna*. 7. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- GARGUREVICH, Juan. *Generos Periodísticos*. Quito - Equador: Belén, 1978.
- GUIMARÃES, Elisa. *A Articulação do texto*. São Paulo: Ática, 1995.
- HJELMSLEV, L. *Essais linguistiques*. Copenhagem: 1959.
- HOUAISS, Antonio. *Novo dicionário Folha Webster's: Inglês/português, português/inglês*. São Paulo: Co-editor Ismael Cardin, 1996.
- JAKOBSON, Roman. *Selected writings*: The Hague, Paris: Mouton, 1971.
- LAUSBERG, Heinrich. *Manual de Retórica Literária, v. II*. Madrid: Gredos, 1967.
- MAINGUENEAU, D. *O Contexto da Obra Literária*. 7. ed., São Paulo: Martins Fontes. 1995.
- MARTÍN, José Luiz. *Crítica estilística*. Madrid: Gredos, 1973.
- MEDVEDEV, P. *The Formal Method in Literary Scholarship*. 1991.
- NEVES, Maria Helena M. (Org.). *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, Maria Helena M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: UNESP, 2002.
- NEVES, Maria Helena M. *Gramática do português falado*. V. VII, Novos estudos. Campinas: UNICAMP, 1999, p. 131-157.
- NEVES, Maria Helena M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- NEVES, Maria Helena M. *Guia de uso do português – confrontando regras e usos*. São Paulo: UNESP, 2003.
- NEVES, Maria Helena M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: *Tipografia de O Cruzeiro*, 1928-1986.
- O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: *Tipografia de O Cruzeiro*, 04 set. 1954.
- QUEIROZ, de Rachel. *O Quinze*. 63. ed., São Paulo: Siciliano, 1993.

QUEIROZ, de Rachel & QUEIROZ, Maria Luíza. *Tantos anos*. São Paulo: Siciliano, 1998.

QUEIROZ, de Rachel. *As três Marias*. 13. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

QUEIROZ, de Rachel. *Dora, Doralina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

QUEIROZ, de Rachel. *João Miguel*. 7. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

QUEIROZ, de Rachel. *O galo de ouro (romance). A donzela e a moura torta (crônicas)*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1989.

RIBEIRO, José Alcides. *Imprensa e ficção no século XIX*. São Paulo: UNESP, 1996.

RIFFATERRE, Michael. *Estilística estrutural*. Tradução Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1971.

SÁ, J. *A Crônica*. 3.ed., São Paulo: Ática, 1987.

VIVALDI, Gonzalo M. *Gêneros periodísticos*. Madrid: Gredos, 1973.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes. 1994.

VOLOSHINOV. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec. 1986.

YVES, R. *A Análise da Narrativa – O texto, a ficção e narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

ANEXOS